<u>Uma Mulher Vestida de Sol</u> foi a primeira peça que planejei e escrevi, iniciando com ela meu trabalho de autor teatral. Escrevi-a em 1947, para um concurso instituído pelo Teatro do Estudante de Pernambuco; e, não me agradando completamente a forma primitiva, reescrevi-a dez anos depois.

Na primeira versão o que me agradava era o aproveitamento das "excelências" e dos cantos fúnebres, o tom poético e mesmo a forma de alguns versos entremeados à prosa; mistura que conservei nesta segunda, por julgar esse o meio mais eficaz de atingir a verdade teatral da peça, que procurava.

Juntam-se, assim, em *Uma Mulher Vestida de Sol*, as palavras escritas por um rapaz de vinte anos às que resolveu acrescentar um homem de trinta. Já fui acusado, por alguns críticos, de não respeitar, em minhas peças, a unidade do estilo, a harmonia, segundo eles, indispensável às obras de arte. Se pensam isso das peças que escrevo de uma só vez, o que não dirão desta reunião dos escombros resultantes de duas catástrofes, ocorridas com dez anos de intervalo?

Não importa. Continuarei a acreditar sempre que, em arte, a ideia de "harmonia" tem que ser aprofundada até a união dos contrários, grande lição da corrente tradicional brasileira, desde o Barroco colonial e mestiço até os dias atuais. Creio, também, que, se não tenho unidade aparente, se sou receptivo a todas as dissonâncias, é que trago dentro de meu sangue essa característica popular, brasileira e barroca, de união harmônica de termos antinômicos: amor da natureza e amor da morte; elementos clássicos e românticos — principalmente o humorismo romântico, marcado pela demência e pela morte; o flamejante e selvagem unido à sobriedade; o monstruoso e o medido; o movimento da loucura e o hierático; o real e o mítico; o universo desmedido e coleante da natureza opondo-se às geometrias dos homens. Creio também que é a fidelidade a esse sangue popular brasileiro que revela a unidade profunda de obras aparentemente tão diversas quanto a de Aleijadinho e a de Francisco Brennand; a de Gregório de Matos e a de Carlos Drummond de Andrade; a de Euclydes da Cunha ou Guimarães Rosa e a de Machado de Assis; a de Sylvio Romero e a de Gilberto Freyre; a de Padre José Maurício e a de Villa-Lobos; a de Martins Pena e a de Antônio José, o Judeu; a de Mathias Aires e a de nossos pintores barrocos dos séculos XVI, XVII e XVIII.

É por isso que tenho ouvido para todas as vozes. Daí não aceitar, nunca, os rótulos que querem me impingir e pretendem sempre explicar o homem que sou por um determinado aspecto de minha pessoa. Baseados em palavras que proferi — e cujo sentido, quase sempre, só captam pela metade — têm-me rotulado, por exemplo, de dramaturgo popular. O fato é, aliás, explicável, porque na maioria dos casos, as pessoas que assim falam só conhecem, de meu trabalho de escritor, as duas ou três peças já montadas no Sul. Ignoram, por exemplo, toda a minha poesia, inédita ou somente publicada aqui e ali, em suplementos literários e revistas.

Serei eu, na verdade, um escritor "popular"? Sim, às vezes, desde que se entenda esta palavra num sentido menos ilegítimo do que aquele em que vem sendo empregada pela crítica brasileira. Mas às vezes sou também, mesmo no meu teatro, um poeta; bom ou mau, não importa, mas poeta; e poeta que, mesmo nas peças "populares" — como na *Farsa da Boa Preguiça*, por exemplo —, lança mão do recurso de versos que não são populares para dizer o que precisa, antinomia ainda barroca e brasileira e que já foi notada, a respeito daquela peça, por César Leal.

Dão renego, portanto, de modo nenhum, *Uma Mulher Vestida de Sol.* É uma obra de juventude, reescrita depois, mas, como autor — não posso ser meu próprio crítico —, creio ter dado unidade à sua aparente desarmonia. Acredito mesmo ter sido isso que Hermilo Borba Filho esclareceu quando a aproximou das peças elisabetanas. Juntamente com *João Sem Terra*, do mesmo Hermilo Borba Filho (também escrita naquele ano de 1947), foi esta a primeira peça, do ciclo atual da dramaturgia nordestina, a tratar do problema camponês em tom não dirigidamente político (que não me interessava então, nem me interessa agora, que está na moda), mas que procurava ser total e humano e que, por isso mesmo, compreende inclusive o político. Foi por isso que, numa entrevista já citada por Hermilo e dada ao jornal *Folha da Manhã*, em 21 de janeiro de 1948, eu afirmava, a propósito de *Uma Mulher Vestida de Sol*:

"Quis também que, além da verdade poética e dramática, tivesse a peça sua verdade social. Assim, coloquei um drama humano — o de Rosa, Francisco, Joaquim etc. — dentro da grande tragédia coletiva do sertão, a luta do homem com a terra queimada de sol. Uma terra que não permite torres, de marfim ou de qualquer outra coisa, porque exige mais do que concede, habituando seu povo ao trabalho repartido e honesto."

Não deixa, portanto, de ser curioso, para mim, ver-nos acusados de "dramaturgos irresponsáveis e alienados", inclusive por alguns dos que se enfileiraram, depois de nós, pelos caminhos abertos pelo Teatro do Estudante de Pernambuco.

<u>Uma Mulher Vestida de Sol</u> era, ainda, minha primeira tentativa de recriar o romanceiro popular nordestino. Numa conferência escrita no ano seguinte, 1948, e publicada por partes em 1949, no suplemento do *Jornal do Commercio*, eu salientava a semelhança existente entre a terra da Espanha e o sertão, o romanceiro ibérico e o nordestino. Como dramaturgo e poeta, sofria, naquele tempo, aos vinte anos, a influência dos poetas e dramaturgos ibéricos, e era nesse estado de espírito que escrevia, comentando um romance ibérico e comparando-o com os sertanejos:

"O ambiente noturno em que se passa a tragédia (de Dom Bernal Francês) é puramente ibérico, assim como o tema da volta da guerra, comum na Península, ao tempo em que se combatiam os mouros. A hora comum no romance sertanejo é a tarde, presente mais através do espírito *empoeirado* das pegas-de-boi do que mesmo através de referências. Há uma identificação completa entre o autor e seu povo e o ambiente local está sempre presente. Aliás, este é um traço peculiar ao clássico. Os poetas eruditos de Portugal e da Espanha, na era clássica, eram apenas 'cantadores promovidos'. E nunca como no tempo de Lope de Vega, Gil Vicente, Camões, a poesia foi para o povo uma coroa de suas inclinações, forjada nos seus anseios e bebida nas suas fontes... O gênio mergulhava nas fontes de seu povo, trazendo de suas profundezas o *Auto de Mofina Mendes* ou as glosas de Camões, numa soberba

recriação que novamente as revela ao seio materno e nutriz — a mesma alma popular... Outro aspecto do romance nordestino, seja o de sobrevivência (ibérica), seja o rigorosamente nacional, é o seu caráter dramático, tomada a palavra *drama* no seu sentido de *espetáculo*. O romance de *Dona Maria e Dom Arico* é uma mostra típica deste caráter dramático do romance nordestino... Já os romances da fase do pastoreio prestam-se mais ao teatro de bonecos. O manancial é riquíssimo. Se as histórias da Zona da mata fornecem ótimo material para a farsa, as do sertão são fontes de tragédia. Os touros, a vaca do Burel, a onça da Malhada, são personagens trágicos, cheios de beleza."

São também destes anos de 1945-46-47 e 1948 meus primeiros poemas escritos com fundamento no romanceiro popular, como "Os Guabirabas" — do qual só resta um fragmento, "Encontro", publicado na revista *Estudantes* —, "A Morte do Touro Mão-de-Pau", "A Barca do Céu" etc. Neles, ainda por influência do romanceiro hispânico, usava a rima toante; mas, já procurando andar com minhas próprias pernas, não usava a quadra ibérica e sim a sextilha ou a monorrima sem estrofe, ambas, formas sertanejas. A primeira estrofe de "A Barca do Céu", poema publicado na *Folha da Manhã* de 21 de novembro de 1948, era a seguinte:

Antigas formas de pedra no velho vento voavam. O mar sangrava na noite por mil feridas sagradas donde as estrelas subiam como fulgores de espada.

Mas logo depois de terminar *Uma Mulher Vestida de Sol* apercebi-me de que, se quisesse criar dentro de um sentido verdadeiramente brasileiro, teria de deixar de lado mesmo os mestres que mais amasse — assim como tinha ido procurá-los em busca de horizontes mais largos do que os

fornecidos pelo regionalismo. E, no Rio de Janeiro, em entrevista dada ao *Correio da Manhã* em março de 1948, declarava:

"A minha peça está cheia de defeitos. Hoje, é fácil ver isso. Não pude me libertar, por exemplo, da influência dos autores espanhóis — Calderón, Lope, Rafael Alberti, Casona, Lorca principalmente. Entretanto estou tentando corrigir os defeitos da primeira vez."

Essa correção que, como um escolar temeroso, eu já prometia, só terminou dez anos depois, com a versão que ora se publica; mas posso dizer que terminou e que, em minha poesia e em meu teatro, tenho hoje meu próprio modo de escrever. É claro que ninguém tira tudo da própria cabeça: creio mesmo que há pouca gente, no Brasil, entre os escritores, tão disposta a proclamar sua gratidão e suas dívidas a tantos mestres como eu. Mestres da mais variada natureza, desde os clássicos a poetas populares e romancistas de segunda categoria: e nem sempre a desses últimos é a menos profunda. Tendo, porém, minha própria personalidade, meus próprios meios, meus próprios defeitos, tiro daqui e dali, mas, bom ou mau, o resultado é meu.

 $\operatorname{\mathbb{P}}$ or isso não posso ver também, sem espanto, intelectuais, alguns deles ligados ao governo franquista pelo prato de lentilhas das bolsas de estudo, chegarem da Espanha falando, como se se tratasse da última das novidades, do romanceiro ibérico. Alguns são poetas e passam a fornecer, como poesia brasileira agressivamente nacionalista, as rimas toantes dos romances espanhóis, devidamente mastigadas para seus débeis queixos pelo grande poeta que foi García Lorca. O que mais me espanta porém é, em primeiro lugar, que não tenham a generosidade de confessar a fonte onde bebem; em segundo lugar, que não se apercebam do servilismo que sua poesia representa diante de uma cultura estrangeira; em terceiro lugar, que não procurem, como bons escolares, corrigir seus trabalhos, procurando uma forma pessoal; e, em quarto e último lugar, o que mais me surpreende é ver que exatamente alguns dos ex-franquistas — hoje progressistas, amanhã marxistas ou católicos, de acordo com a direção de que o vento sopra — têm o desplante de se juntar ao primeiro coro, acusando-me de alienado da realidade brasileira, de reacionário etc., a mim, que nunca me vendi — por

ser naturalmente, sem esforço, fiel a essa realidade — por bolsa nenhuma, por viagem nenhuma, por tradução nenhuma, seja do Leste seja do Oeste, seja imperialista, ditatorial, colonialista ou simplesmente antipática a meus humores de ressentido.

Finalmente, quero esclarecer que resolvi publicar esta peça, apesar de ser ela ainda inédita no palco, para dar a conhecer, aos que se interessam por meu teatro, a peça por onde comecei e que ficaria, de outro modo, para sempre na gaveta. É uma espécie de tragédia nordestina, e assim, para esses que gostam de meu trabalho de escritor, será uma oportunidade de travar conhecimento com este outro aspecto dele, desconhecido para a maioria.

 ${\mathcal E}$ aqui fico, esperando que, daqui por diante, a peça fale por si mesma.

Recife, 1957.

<u>4.S.</u>



PERSONAGENS

Cícero

O DELEGADO

O Juiz

MARTIM

CAETANO

GAVIÃO

MANUEL

Rosa

Donana

JOAQUIM

ÎNOCÊNCIA

ANTÔNIO

ÎNÁCIO

Joana

NECO

FRANCISCO



Primeiro Ato

CICERO — E viu-se um grande sinal no Céu, uma Mulher Vestida de Sol, que tinha a Lua debaixo dos seus pés, e uma Coroa de doze Estrelas sobre a sua cabeça; e, estando prenhada, clamava com dores de parto, e sofria tormentos por parir.

A casa de Joaquim Maranhão e a de Antônio Rodrigues separadas por uma cerca que divide o palco, do proscênio ao fundo, perdendo-se aí. Nesta cerca uma porteira, que serve a uma estrada. Como nas fazendas sertanejas há, às vezes, Capela com cemitério, a casa de Joaquim deve, se possível, ter uma, a ela conjugada. Em cena, estão sentados, imóveis, segurando rifles perto dos joelhos, Martim, Gavião, Caetano e Manuel, os dois primeiros do lado de Joaquim, os dois últimos do de Antônio. A luz está baixa e entram o Juiz e o Delegado.

- O Delegado Proclamação do Bacharel Orlando de Almeida Sapo, Juiz de Direito desta comarca, em virtude da lei etc. etc.
- O Juiz Aqui é o sertão, um tabuleiro de serra do sertão. O sol de fogo de dia e o frio da noite, pedras, bodes, cabras e lagartos, com o Sol por cima e a terra parda embaixo. Mas nem por isso os homens que aqui vivem estão subtraídos ao poder da lei.
- O Delegado Em virtude da questão de terra surgida entre Antônio Rodrigues, Senhor das Cacimbas, e Joaquim Maranhão, Senhor da Jeremataia, o Bacharel Orlando de Almeida Sapo, Juiz de Direito desta comarca, em virtude da lei etc. etc., avisa que qualquer um dos dois que transgredir a lei que proíbe matar os outros, sofrerá o castigo merecido, seja qual for seu poder ou sua grandeza.

- O Juiz Vim por uma estrada parda, por entre pedras calcinadas e escorpiões, arriscando a vida diante das cobras cascavéis e das corais de cores radiosas, com minha toga preta enfeitada de debruns vermelhos, como se fosse um juiz judeu ou um rei exilado no deserto! Vim dizer que, nesta terra, semelhante àquela em que o fogo divino gravou na pedra as palavras da Lei, ninguém pode matar o outro. Também vim avisar que o domínio e a possessão da terra pelos homens só podem ser resolvidos sob o chicote da lei.
- O Delegado O querelante Joaquim Maranhão ocupa esta terra de pastagens altas para o seu gado, suas cabras, seus carneiros. O querelante Antônio Rodrigues diz que a terra é dele, e ameaça derrubar esta cerca, erguida pelo outro para garantir sua posse. Os dois querelantes construíram suas casas uma ao lado da outra; um, para garantir melhor a cerca que construiu, o outro, para melhor ameaçá-la.
- O Juiz E a questão assume um sentido tanto mais terrível porque os dois senhores de terra são cunhados e armaram o braço de seus homens, o que vem repetir, nesta terra de fogo onde o acaso me colocou para julgar, a sangrenta querela de Abel e Caim, com seus carneiros e ódios invejosos. Aqui estão o homem da lei e o homem da guerra para garantir o julgamento. (Mais baixo e menos pomposo ao Delegado.) Senhor Delegado, quem é Caim, no caso?
- O Delegado (Também baixo.) É Joaquim Maranhão, Senhor Juiz. É um homem perigoso. Eu, se fosse o senhor, julgava essa questão logo a favor dele, porque senão ele pode nos matar. Antônio Rodrigues é bom, não é homem para matar ninguém; assim, é melhor julgar contra ele.
- O Juiz Ainda temos tempo de examinar tudo com cuidado. Enquanto for possível, mantenhamos pelo menos as aparências. (*Alto.*) Quero avisar a Antônio Rodrigues, Senhor das Cacimbas, que, como Joaquim Maranhão, seu cunhado, detém atualmente a posse da terra contestada, há uma presunção em favor dele, e a referida posse tem de ser respeitada até prova em contrário, de acordo com a cláusula *ut possidetis*. Senhor

Delegado, aguardemos os acontecimentos. O senhor, homem de guerra, vá se hospedar na casa do homem da paz. Eu, distribuidor da justiça divina, ficarei na casa do guerreiro. Pobreza, fome, seca, fadiga, o amor e o sangue, a possessão das terras, as lutas pelas cabras e carneiros, a guerra e a morte, tudo o que é elementar no homem está presente nesta terra perdida. As minhas são palavras que, como a Lei gravada na pedra, e como todas as palavras fundamentais do homem, "vieram do deserto".

Entra na casa de Joaquim Marajuhão.

O Delegado — Essa é boa! Foi logo ficando na casa do homem mais valente e poderoso, para se garantir. E eu, que fique na do homem da paz! Logo eu, que tenho o bucho tão mole! As balas vêm quentes e derretidas, entram nele como uma faca incandescente na manteiga! Mas é o jeito, o poder dele é maior do que o meu!

Entra na casa de <u>Antônio Rodrigues</u>. A luz sobe. Os quatro cabras em cena estão se olhando, impassíveis, fumando. De repente, fora, ouve-se um grito.

Martim — (Erguendo-se e armando o rifle.) Que foi isso?

Саєталю — (Mesmo movimento.) Alguém gritou.

Gavião — (Mesmo movimento.) Parece que foi na cerca!

Martim — Vá ver o que foi! Eu fico aqui, vigiando.

 $\underline{G}_{ ext{AVIÃO}}$ sai por seu lado, perdendo-se no fundo.

Manuel — Vá também, Caetano, eu fico aqui, por segurança.

Sai Caetano, por seu lado, no encalço de Ganão. Manuel e Martim continuam mirando-se mutuamente com os rifles, vigiando-se cuidadosamente. Ganão e Caetano voltam rindo, com os rifles abaixados.

GAVIÃO — Não foi nada, foi o vaqueiro que estava aboiando. Que vergonha, esse Caetano! Que sujeito perverso, já queria atirar em mim!

<u>Martim</u> e <u>Manuel</u> abaixam os rifles, desarmam-nos e sorriem.

Caetano — E você? Fez uma cara pra meu lado que eu esfriei!

Maxuel — Eu não, vi logo que só podia ser Antônio Benício, com aquela voz! O aboio dele espanta qualquer um! Vocês é que, tudo o que acontece, pensam logo que Seu Antônio Rodrigues mandou derrubar a cerca! Mas a briga desses dois homens não é para hoje, podemos conversar em paz. Quando uma briga dessas vai começar, a gente sente logo!

Martim — Do jeito que as coisas estão, com esse sol quente, essa poeira, o velame e a malva ressecados pelo sol, qualquer faísca isso aqui pega fogo! Que lugar!

Caetano — O sol está vermelho e a terra treme na vista!

Maxwuel — A casa de Joaquim Maranhão parece abandonada, com essas paredes que parecem de igreja.

Martim — Uma casa vive de quem mora nela. Se os moradores vão embora, ela cai.

- MANUEL No entanto, ainda mora gente aí. Vocês mesmos, não é aqui que estão dormindo e comendo? No entanto, não parece, a gente olha e parece que o povo foi embora, que é uma casa abandonada.
- Caetano É por causa da mulher que morreu. Quando um homem faz correr sangue, principalmente o de sua mulher, o sangue marca as paredes para sempre. A princípio vermelho depois escuro, como manchas do tempo. A casa fica com um ar abandonado, como um cemitério cheio de urtigas.
- Maranhão pode ouvi-lo, e se há uma coisa que ele não gosta é de ouvir falar nessa morte.
- Gavião Então Seu Joaquim é o contrário de Manuel: este enterra os mortos e por isso gosta de ouvir falar em morte. Os outros matam, e quem lucra é ele, fazendo o enterro.
- MANUEL Como fiz o dessa mulher, que saiu por aquela porta, há quinze anos, entre os cantos e o choro das outras, com os pés estirados para frente.
- Martim Você quer saber de uma coisa? Eu, se fosse você, deixava essa história de mão.
- Gavião Será mesmo por causa dela que a casa parece abandonada?
- CAETANO É possível, mas Martim é que está certo. Vamo-nos calar. Deixem a morta no lugar em que ela está. Principalmente do jeito que as coisas estão: um tiro, agora, por uma questão qualquer, isso aqui pega fogo e quem perde somos nós. Deixem a morta no lugar onde está.

GAVIÃO — E será que ela está em algum lugar? Você, que fez o enterro, sabe onde ela anda a essas horas, Manuel?

Manuel — Sei somente onde estão os ossos. E já é muito, isso, numa terra desgraçada em que os mortos são enterrados no chão duro e a coisa mais fácil é esquecer o lugar onde foi a sepultura. Eu, por minha conta, é que vou marcando tudo. Sei o lugar onde está cada um que enterrei, e hei de marcar ainda o de vocês todos.

Gavião — O meu também?

Manuel — Seu enterro eu tenho certeza de que faço.

GAVIÃO — Você é muito mais velho do que eu.

Maxuel — E se Antônio Rodrigues resolver botar esta cerca abaixo? Com o tiroteio, você bem que pode morrer antes de mim. E lá vai Manuel enterrá-lo, a você e a muita gente mais, apesar de minha idade. Não é engraçado?

Sou Manuel do Rio Seco, nascido em Taperoá. Tanto canto quanto planto, rezo, bebo e sei brigar. Faça a morte que eu celebro, cavo e enterro quem pagar!

CAETANO

Nascido em Taperoá é meu compadre Manuel. Já enterrou trinta velhas, moças de capela e véu. Os defuntos que ele enterra, vão direto para o céu!

Manuel — Moças de capela e véu... A daí é que há de morrer solteira! Agora, morrer de capela e véu é que eu não sei se ela vai poder, com o pai tourejando perto.

Martim — (Armando o rifle.) O que é que você quer dizer?

Manuel — (Mesmo movimento.) Espere, você está tomando muito a peito as questões de seu patrão. É ou não é verdade o que se diz de Joaquim Maranhão e de Rosa?

Caetano — Manuel, cale a boca, não fale mais!

MADUEL — É ou não verdade que nessa casa amaldiçoada se passam coisas contra a Lei de Deus? Primeiro, foi o homem que matou a mulher. Agora, é ele e a filha. Você conhece o romance *A Filha Noiva do Pai*? Dizem que Joaquim está criando a garrota que tem em casa para o touro, pai do rebanho!

Martim — É mentira, cachorro! E cale-se agora mesmo se não quer que eu lhe dê um tiro na boca!

Gavião — Que é isso, meu irmão? Bote pra lá esse rifle!

Caetano — Manuel, você quer que isso aqui pegue fogo?

Maxuel — Deixe, Caetano, eu quero ver até onde vai esse pinto, brigando com um galo velho como eu! A coisa de que eu tenho mais raiva é desses cabras que se agarram assim aos patrões. Briguem, defendam a terra, está

bem, foram pagos pra isso. Mas que é que ele tem a ver com a família do outro?

Caetano — Então você não sabe? Esses dois são da família de Joaquim.

MANUEL — São da família?

Gavião — Somos, Manuel. Dois parentes pobres, sem pai nem mãe, dois irmãos que, não tendo outro meio de vida como vocês, fomos chamados para cabras do parente rico e poderoso.

Majuel — Então peço que me perdoem. Eu não sabia!

Gavião — Não tem importância; meu irmão está, mesmo, levando isso muito a peito. Por mim, meu parentesco terminou, não tenho ligações de sangue com o homem que aluga o meu.

Martim — Não é motivo para se ouvir brincar com Rosa assim.

Gavião — *Brincar* com ela, queria eu, que é mulher para um homem se perder nela.

Caetano — De qualquer jeito, parenta ou não, não é mulher para seu bico.

Gavião — E quem disse que é para o meu bico que eu quero essa moça?

Caetano — Cuidado, ela vem aí!

Majuuel — Vamos, é melhor vigiar a cerca para o lado de lá.

Saem Manuel e Caetano, em ronda, pela cerca. Rosa aparece no alpendre da casa de Joaquim, com um pote ao ombro.

Gavião — Pronto, aí está a nossa prima. Manuel é quem tem razão. Que coisa! Parece uma garrota! Eu só queria ser o pote que ela carrega!

Martim — Cuidado, ela pode ouvir!

Gavião — Melhor ainda seria entrar no pote que ela tem, mas isso seria bom demais para mim! Fico em tempo de morrer, só em pensar! Como é grande e forte!

MARTIM — Ela?

Gavião — O pote. Qual será o de melhor água, o dela ou o outro? Será que ela deixaria eu experimentar, comparando as duas águas?

Martim — Não sei, acabe com isso! Vá ver os outros, podem ter ido derrubar a cerca.

GAVIÃO — E você?

Martim — Eu fico. Se houver alguma coisa, grito por você.

Sai GAVIÃO.

Martim — Rosa! Há três dias você não fala comigo!

Rosa — E de quem é a culpa? Você me tratou mal!

MARTIM — Eu, tratá-la mal? Vivo como louco, escondendo o que sinto por você, obrigado a ouvir dos outros o que quero e o que não quero, à espera de um momento em que possa lhe falar, em que possa pelo menos vê-la. E somente porque a você, somente a você, digo o que sinto, você diz que estou tratando você mal?

Rosa — Já lhe pedi que não falasse mais nisso. E você prometeu.

Martim — Prometi com medo de perder até o direito de lhe falar. Prometi esperando que você mude um dia. É possível isso, Rosa?

Rosa — Não sei. Acho que não.

Martim — Que diferença do tempo em que éramos meninos! Você ia passar dias em nossa casa... Naquele tempo, você me tratava bem. Agora, mudou muito!

Rosa — Quem mudou foi você!

Martim — É verdade, estou muito mais pobre! Perdemos a terra e agora estou reduzido à condição de cabra de seu pai.

Rosa — Você sabe que não é isso o que estou dizendo!

Martim — Felizmente é dele, um parente, e não de outro! E, quando estou me sentindo muito humilhado, posso dizer a mim mesmo que, se estou aqui por necessidade, é por sua causa que fico.

Rosa — Deixe tudo isso de lado. Para que esses pensamentos tristes? Sou sua prima, sua amiga de sempre. Não estou esquecida de nada.

MARTIM — Mas seu coração está longe! Você pensa que eu não sei? Sei de tudo, Rosa. Sei por que você não me quer, por que vive pelos cantos, pelos matos, feito um bicho brabo, a ponto de que o povo já começa a falar.

Rosa — A falar?

Martim — Você sabe como é esse povo. E, no entanto, se eles soubessem... É seu pai, é seu sangue que você vive traindo a cada instante! Porque é do filho do inimigo dele que você gosta, é por ele que você vive esperando.

Rosa — (Baixando a cabeça.) Francisco não tem nada a ver com essas brigas, elas apareceram depois que ele foi embora!

Martim — E se ao menos ele gostasse de você! E se ele está no cangaço mesmo, como dizem?

Rosa — É mentira! O que se fala é que ele anda viajando com um Circo.

Martim — Outros dizem que ele morreu, que a polícia matou, numa estrada da Espinhara. E se ele tiver morrido, Rosa?

Rosa — Se ele morreu, a vida se acabou para mim. Mas ele está vivo.

MARTIM — E pensar que talvez seja por causa de um morto que você não quer mais nem ouvir falar de mim! Francisco talvez tenha morrido. E mesmo que esteja vivo, não sabe nem que você vive aqui, morrendo por causa dele!

Rosa — Eu sei, sei isso demais, para que estar me dizendo de novo? Que é que você ganha em aumentar meu sofrimento? Francisco não sabe nem que existo, o que é que posso fazer? Mas ele volta! E talvez não esteja longe, o dia. Meu tio mandou chamá-lo, por causa dessa questão. Foi um homem procurá-lo.

Maranhão souber da chegada dele, manda matá-lo antes! Com a situação como está, se ele chegar é um homem morto. Você não diz nada?

Rosa — Não tenho nada a ver com essas mortes por causa de terra. O que eu sei é que minha tia Inocência é a mãe de Francisco e é irmã de meu pai.

MARTIM — Ontem seu pai disse aqui, para quem quisesse ouvir, que mulher de inimigo era inimiga também. Outra coisa, quero avisá-la: Inocência tem vindo aqui para conversar com sua avó e você. É melhor acabar com isso. Se seu pai avistá-la do lado de cá da cerca, atira nela.

Rosa — Na irmã dele?

Martim — Você sabe, melhor do que eu, quem é seu pai.

Rosa — (Saindo ofendida.) Está bem, obrigada.

Martim — Rosa, não me deixe! Fique mais um pouco!

Rosa — Pra quê? Pra você me insultar a cada instante?

Martim — Peço-lhe que me perdoe, estou sofrendo muito. Tenho um pedido a lhe fazer, Rosa.

Rosa — Um pedido?

Martim — Se houver briga e eu morrer...

Rosa — Não haverá briga nenhuma!

Martim — Mas se houver e eu morrer, não deixe minha mãe sair daqui, fique com ela perto de você. Você promete?

Rosa — Prometo, mas tire isso da cabeça. Nem vai haver briga, nem você vai morrer. (Martim sai, bordejando a cerca, no encalço de Gavião. Caetano e Manuel voltam em ronda, como sempre pelo lado da casa de Antônio. Daqui por diante, não se indicarão mais esses movimentos de ronda, cuja necessidade e oportunidade as próprias falas irão indicando. Donana aparece à porta da casa de Joaquim.) Mãe!

Donana — Mãe... Eu bem queria que fosse mesmo!

Rosa — E não é?

Donana — Não. Mãe de sua mãe. Eu criei você e, depois que minha filha morreu, tomei o lugar dela. Mas não sou sua mãe. Sua mãe era aquela que carregou você aqui nove meses. E sangrou por você.

Rosa — É porque você não gosta de mim como gostava dela.

Долала — Você sabe que pra mim não há ninguém como você.

Rosa — E eu nem ao menos me lembro direito de minha mãe! Mas você se lembra, não?

Donana — Uma velha como eu tem sempre de que se lembrar. Não que eu quisesse, mas de vez em quando a gente não pode mais, minha filha, e se lembra sem querer.

Rosa — Eu sei, também não posso deixar de pensar nela, com seus vestidos vermelhos. Junto o que me lembro com o que você me conta, mas o que fica é muito pouco. Não posso saber direito como minha mãe era.

Donana — E quem pode? Ninguém podia olhar para ela direito, era como uma onça ou como o sol. E a casa, com ela viva, era como o jardim, ela cobria tudo de rosas e papoulas vermelhas.

Rosa — O jardim ainda é o mesmo e as flores não morrem, venha a seca que vier. Eu não deixo essas flores morrerem, de jeito nenhum!

Donana — No enterro dela, a terra estava cheia de flores. Eu tinha plantado algumas, mas nasceram outras, sem ninguém plantar. Parecia até que estávamos nos baixios. Mas isso durou pouco, veio a seca e matou tudo! Os baixios! Ali sim, a terra é boa e mansa. Aqui só se vê o sol, a morte, as pedras e as cobras nas estradas! Não tenho mais muitos anos de vida não, minha filha. Se você puder, quero que me enterre lá, na terra de onde vim. Você promete?

Rosa — Prometo, fique descansada. Quanto a mim, quero ser enterrada aqui. Minha terra é esta: dura e seca, cheia de pedras e espinhos, mas quero ficar nela, quando morrer. Minha mãe tinha os olhos escuros?

Donana — Tinha sim, os olhos e os cabelos também.

Rosa — Como eu.

Donana — Mas não era calada como você, era alegre e de sangue bom, como fogo. Você vai para a cacimba?

Rosa — Vou.

Donana — Você acorda e o dia já amanhece com você na cacimba. Você é filha de um dono de terra, e o povo está começando a estranhar seus modos.

Rosa — Na cacimba, quanto mais cedo melhor. Eu desço até a água, sentindo o cheiro do barro acordado. A água, nessa hora, ainda está serenada, fria e limpa do sereno da noite. Eu vou!

Rosa sai e Donana entra em casa. Entra Cícero, vindo pela estrada, ao mesmo tempo que Martim, Ganão, Caetano e Manuel vêm chegando em sua ronda. Cícero é um velho, com rosários e cajado.

Cícero — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Majuuel — Louvado seja o Seu santo nome!

Gavião — O povo diz que você dá azar, sabia disso, Cícero?

Cícero — O povo diz muita coisa por este mundo. Eu sou homem de paz e religião.

Manuel — O ano é de seca! Aqui a briga está pega não pega! E você ainda vem agourar por aqui.

Cícero — Que é que você perde com isso? Para você é até bom, morre mais gente e seu negócio aumenta.

Manuel — Seu enterro, eu quero ter o gosto de fazer dentro de pouco tempo.

Cícero — Vamos ver, vamos ver. Talvez, seja eu que cante, no seu, meus benditos e excelências. Ainda hei de viver muito tempo. (Canta, baixinho, um encantamento.)

Ora vamos correr ali as cidades do outro mundo.

E ora vamos correr ali as cidades do outro mundo. Quando ele pegou a faca no chão teve que se deitar. E ê nanã, eiá! E ê nanã, eiá! Depois se levantou, veio pronto pra me furar, e ê nanã, eiá! E ê nanã, eiá! Ora vamos correr ali as cidades do outro mundo. Ora vamos correr ali as cidades do outro mundo.

Caetano — Cruz! Nossa Senhora nos livre de seus agouros! Que é isso que você está cantando?

Martim — E por que veio aqui, logo hoje? Se o barulho começar, talvez seja você o primeiro a matarem.

Cícero — E talvez seja você também, que pode morrer de tiro ou de faca, porque você é desses cujo sangue tem vontade de queimar, no sol. Joaquim Maranhão está? Ouvi dizer que estava na Espinhara.

Gavião — Esteve, mas chegou. Donana está em casa, vá perguntar a ela.

Saem os cabras.

Cícero — É aqui. A casa é a mesma, mas a mulher morreu. Eita, que sol! (Cantando.)

- Ó de Casa! Ó de fora!
- Minervina, o que guardou?

— Eu não lhe guardei mais nada: nosso amor já se acabou.

Na primeira punhalada Minervina estremeceu, na segunda, o sangue veio, na terceira, ela morreu.

Eita, que sol!

Donana — (Entrando, do alpendre.) É você, Cícero? Ouvi você cantar, só podia ser você: acho que ninguém sabe mais essa cantiga, a não ser nós dois.

Cícero — Era o romance que sua filha cantava. Fala de morte e sangue. Coitada, parecia que vivia adivinhando que ia morrer daquele jeito!

Donana — Cuidado, se Joaquim nos pega falando nisso, é capaz de nos matar também! Mas agora, ele está na várzea. Então você

também se lembra, Cícero! Eu não posso me esquecer do dia em que ela morreu. Ela estava cantando esse romance mesmo, ali quando fala na morte da moça, quando Joaquim entrou, com a faca na mão.

Cícero — Cuidado, ele vem aí!

Entra Joaquim, pela estrada, vindo da várzea.

Joaquim — Meu cavalo está pronto?

Donana — Está.

JOAQUIM — E Rosa?

Donana — Foi para a cacimba.

JOAQUIM — Sozinha?

Donana — Sim.

Joaquim — Cuidado com ela. E cuidado com você também, ouviu? A situação está ruim, talvez piore hoje e quero estar seguro de tudo.

CICERO — Ninguém pode estar seguro de nada, num mundo e num tempo como estes.

Joaquim — O quê?

Cícero — Não se pode estar seguro nem da vida nem da morte. Às vezes, vive-se muito tempo, outras morre-se moço, sem que ninguém saiba por quê.

Joaquim — Que é que você quer dizer?

Cícero — Nada.

Joaquim — Não gosto dessas coisas esquisitas, aqui na minha terra. E você tem rosários demais, entendeu?

Cícero — Sou homem de religião, como você sabe, Joaquim Maranhão.

Joaquim — Pois, de religião ou não, vou lhe dar um conselho: arrume suas coisas e vá embora. Isso aqui, hoje, vai pegar fogo.

Donana — Joaquim, pelo amor de Deus! Você vai cercar a casa de Antônio?

Joaquim — Ele não mandou chamar o filho? Certamente pensa que me intimida e vai derrubar a cerca. Assim, é melhor atacá-lo antes. Vou queimar-lhe a casa, e quando eles saírem, atiro em um por um.

Donana — Antônio é seu cunhado.

Joaquim — E ele se lembrou disso quando tomou minha terra? Manda fazer uma casa perto da cerca, defronte da minha, para me provocar, e você vem dizer que ele é meu cunhado? Minha irmã quis homem, arranjou esse: está bem, fique lá com ele! Mas, por isso, eu não vou perder minha terra. E tem outra coisa: soube que, quando eu dou as costas, Inocência vem aqui falar com você e Rosa. Não quero minha filha com esse povo não, está ouvindo? Quanto a você, se quiser falar com ela, mude-se para lá e fique de vez. Aqui, em minha casa, não, está ouvindo?

Sai.

Donana — Viu? É assim, sempre o mesmo homem perverso e perigoso. Se não fosse Rosa, eu já tinha ido embora desta casa há muito tempo!

Entra înocência, vinda da casa de Antônio Rodrigues.

thocência — Joaquim saiu para o campo, eu estava olhando por trás da janela.

Donana — É verdade, mas é preciso cuidado. Desculpe, mulher, mas ele, agora mesmo, proibiu que falássemos com você.

thocência — Eu venho para falar com ele, é preciso que Joaquim se lembre de que sou irmã dele.

Cícero — Ele esquece tudo por causa da terra. Joaquim é como um desses bichos venenosos que moram nas pedras, da cor da pedra e cujo veneno mata.

thocência — Quando vejo este sol, o milho morrendo sem amparo na terra quente, chega me dá uma agonia.

CICERO — Por mim, já estou habituado. Vi minha mulher e meus filhos morrerem de fome na estrada, quando vim para cá. Já faz muitos anos e é sempre assim. Uma bala, o sol, cobra, uma doença, uma briga, a velhice, e, seja gado ou gente, tudo tem de morrer um dia.

INOCÊNCIA — E eu, Cícero, estarei melhor? Estou vendo a hora de morrer meu marido e já perdi meu filho, que ninguém sabe, a esta hora, se é vivo ou morto. Cada pessoa que aparece na estrada, penso que é o portador que foi procurá-lo e que vem me dizer que ele morreu. Quantas vezes já vi em sonho Francisco chegando em casa, balançando dentro duma rede que pinga sangue nessa estrada, ou então correndo, com a polícia atrás! Cada volante que passa é uma pancada no meu coração! E agora, por cima de tudo, meu marido e meu irmão, com essa questão de terras. Eu vim falar com Joaquim por isso, já basta de tanta morte. Quando a pessoa morre no tempo, na cama, de doença ou velhice, ainda vá. Mas quando é outro que mata, fica tudo na brutalidade. (Avistando Rosa, que vem voltando, dirige-se a ela.) Rosa, minha filha, eu vim falar com seu pai! Você é a única pessoa que seu pai ouve. Veja, eu lhe peço de joelhos!

Rosa — Minha tia, o que é que eu posso fazer?

 $\operatorname{\underline{\mathcal{E}}}$ ntra em casa, desesperada.

Donana — Levante-se, Inocência!

Îποcêπcia — Meu Deus, ela nem me ouviu!

Donana — Não repare, é o medo e é o jeito dela. Rosa é um bicho brabo. É de viver nesses matos, sem ver ninguém. O povo destes altos é todo assim e minha filha foi morta do jeito que você sabe.

Cícero — Mulher, deixe de lado o que já passou!

Donana — E eu posso deixar todo aquele sangue de lado? Quem pode esquecer a morte, vivendo entre estas paredes?

Inocência — Será que Rosa sabe tudo o que se passou?

Donana — E eu sei? Às vezes ela diz umas coisas de cortar o coração. É de fazer medo, porque se ela sabe...

LIVOCÊNCIA — E afinal, que importa, se ela sabe ou não? O sofrimento vem de qualquer jeito. Todos nós sofremos muito, demais, mais do que o permitido. Eu por exemplo, sei o que passei, antes de me casar, dentro desta casa amaldiçoada. E depois, será que foi melhor? Vi meu filho brigar com o pai e sair de casa, para nunca mais, talvez para o cangaço, para a morte. Você não precisa me dar desculpa sobre a morte, sobre o sofrimento, sobre os modos de Rosa. É meu sangue, o sangue de Joaquim que está dentro dela. E, de todas nós, foi você a que sofreu mais, vendo sua filha assassinada daquele jeito.

Donana — Sofrer, não sei! Aquilo será sofrer? De noite, na cama, tudo calado e de dia a boca da gente pegando fogo, porque não se pode dizer o que quer. Dizer que tudo era mentira!

ÎNOCÊNCIA — Eu sei, mulher!

Donana — Minha filha não o enganava, ele matou porque quis, porque ela era alegre e boa e ele não pode suportar isso, sempre ruim, sempre desconfiando de todo mundo. Mas um dia, ele me paga!

Cίcero — Foi a vontade de Deus!

Donana — Aqui só manda a vontade dele! E o pior é que vejo tudo encarnado para a frente, agora com Rosa. Porque ele já começa rondando como um cachorro, em redor dela. Qualquer homem que se aproxima, está ameaçado de morte. Agora, você que viu Rosa, me diga se foi para isso que ela nasceu tão bonita!

Cícero — Meu Deus, Joaquim vem aí!

Donana — Mulher, saia, pelo amor de Deus!

Îνος εναί vai sair de junto da cerca, mas Joaquim entra antes. Ele puxa o revólver e dirige-se para Ινος εναία.

Joaquim — Eu não disse a você que deixasse meu povo em paz?

Αυτόνιο aparece à janela de sua casa, com um rifle na mão. Vendo a cena, dá a volta, sai por um lado da casa e surpreende <u>Joaquim</u> por trás.

Aมาôมเด — Joaquim, se você se mexer eu atiro! Ela está na minha terra!

Joaquim — (Sem medo.) Mas eu não quero que ela venha cá falar com meu povo.

Antônio — Então proíba seu povo de vir aqui na cerca quando ela estiver perto, porque, na minha terra, minha mulher anda por onde tiver vontade.

- Inocência Eu não vim procurar os outros, vim para falar com você, Joaquim.
- Joaquim Não quero ouvir o que você quer dizer. (Guarda o revólver.) E você, Antônio! Que vergonha, mandar a mulher na frente para se garantir! Mas eu entendo, ela é minha irmã, é de meu sangue, e quem tem coragem aí é ela! E sabe do que mais? Abaixe esse rifle, não admito provocações de ninguém diante da minha casa!
- Aมาôมเด Estou na minha terra! Pelo menos daí para cá, você ainda não teve coragem de dizer que era seu!
- INOCÊNCIA Por que essa briga toda, meu irmão? Você sabe perfeitamente que a terra é de Antônio. Ele tem documentos antigos e isso aqui sempre foi da família dele. Quando meu pai morreu disse isso a mim e a você!
- Joaquim E fui eu que invadi a terra? Foi o gado, mesmo, que, sem encontrar cerca, foi entrando. Ele nunca precisou dessa terra para nada, nunca fez nada nela! Quem derrubou o mato fui eu, quem queimou fui eu. Ainda sinto o cheiro da resina queimada! Quem ajeitou o pasto para o gado? Fui eu! Não vou renunciar a tudo agora.
- Αντόνιο E eu não reconheço isso? Tanto reconheço que, apesar da terra de meu Pai ser sagrada para mim, já mandei lhe dizer: faço um acordo e abro mão dela. Mandei também dizer ao juiz que concordo em lhe dar a terra que você cercou, contanto que você me dê um pedaço igual, tirando de suas terras lá de baixo, dos baixios.
- Joaquim Só dou a metade! A terra dos baixios é melhor do que a desses tabuleiros, que só têm pedra.
- Antônio A terra dos baixios é melhor para mim, mas para você, que só faz criar, essa aqui lhe serve perfeitamente, por causa do pasto. O gado que eu crio é pouco, o que me interessa é o algodão e o milho. Assim, não é

justo o que você diz. Acredite: por mim, já teria desistido, mas meu filho pode voltar e tenho que pensar nele, como meu pai pensou em mim, defendendo a terra para que eu a encontrasse.

Joaquim — Ah, seu filho... Soube que você mandou gente procurá-lo. Entendi então sua proposta de acordo: o que você quer é ganhar tempo enquanto ele chega. Fique você sabendo que já tomei providências para a chegada dele. Mas será que Francisco vem? Aquele tem sangue de homem, é meu sobrinho. E tendo brigado com você, nunca mais o perdoará. Francisco não bota mais os pés na terra que você pisar.

Antônio — O que Francisco pensa de mim não me interessa. Você não tem nada a ver com isso. Nem eu também, de certa forma: goste de mim ou não, devo cumprir minha obrigação, defendendo a terra para ele.

Joaquim — Eu também tenho que pensar em mim e na minha filha.

Απτόπιο — Você é rico, Joaquim!

Joaquim — Isso é o que você pensa. Quem sofre mais na seca do que o gado?

thocência — Pois discuta tudo com Antônio, sem brigas, como cunhados que são. Para que esses homens armados de lado a lado?

Joaquim — No dia em que eu desarmar meus cabras, ele bota minha cerca abaixo. E nesse mesmo dia morre, porque eu mato.

Απτόπιο — Vá, então! Continue o que você vem fazendo há anos. Mate, roube, faça o que quiser. Mas eu lhe aviso: minha morte será mais difícil do que as outras que você já fez.

Joaquim — Que é que você quer dizer?

Antômo — Exatamente o que disse! Mas uma coisa eu quero deixar clara: nisso tudo, o que menos lhe interessa são os direitos de Rosa. É unicamente por sua causa que você quer me espezinhar, é uma questão de ódio pessoal a mim. O que você nunca pôde perdoar foi Inocência ter casado comigo. Você é assim, e assim ficará até morrer. Foi assim com Inocência, foi assim em casa e está sendo assim, agora, com Rosa.

Joaquim — (Enfurecido.) Saia daqui agora mesmo!

Antônio — Está bem. Mas se houver sangue, ele há de cair sobre sua cabeça. Eu lhe pedi, antes, que tudo se fizesse em paz.

Joaquim — Guarde seus conselhos para você mesmo. Quanto ao acordo sobre a terra, mandarei minhas condições pelo juiz. E saia, enquanto é tempo; senão atiro na sua cabeça.

Aมาôมเด — Adeus, mulher. Deus queira que se saia disso tudo sem sangue!

Donana — Adeus, Antônio, Deus o acompanhe.

Αντôνιο — Adeus, Rosa.

Joaquim — Rosa, com Donana não tenho nada a ver, mas você é minha filha, tem meu sangue. Não responda!

Rosa baixa a cabeça, Antônio e înocência entram em casa e Joaquim na dele. Pela estrada chegam dois retirantes, înácio e sua mulher, Joana.

tmácio — Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

Todos — Louvado seja Seu santo nome!

tomácio — Dona, me dê uma esmola para minha família. Se pudesse ser de comida, eu agradeceria muito, desde ontem que a gente não come nada.

Rosa — De onde vêm vocês?

Invácio — De longe, moça, nós somos das Vertentes.

Cícero — Para onde se destinam?

tracio — Vamos por aqui, em procura do Juazeiro. Disseram que o governo está pagando aos cassacos para consertar a estrada, vou ver se acho trabalho.

Donana — Tenho guardado uns pratos de comida. É leite com farinha. Não se tem muito e o povo que pede aumenta cada vez mais, de modo que é o que posso dar.

Inácio — O que você trouxer é bom, moça. Eu venho pagar, num tempo melhor.

Rosa entra em casa. Inácio senta-se, com Joana, no alpendre da casa de Joaquim.

Joana — Ah meu Deus! Que sol!

touació — Eu só penso, mulher, é a gente esmourejar tanto e terminar sem um pedaço de terra pra plantar e comer.

JOANA — Cale a boca, essas terras estão cheias de homens armados. Que será?

lmácio — Não sei.

Joana — Estou com cuidado em Neco, ele já devia estar aqui.

to Acio — Não tenha medo! Ele ficou ali, na cerca. Viu um enxu no oco de uma estaca e disse que ia tirar o mel pra nós.

Joana — Estou com medo! Com todo esse pessoal armado...

luácio — Ele já é quase um homem, fique descansada.

Entra Rosa, com dois pratos.

Rosa — Tome, filha de Deus!

tmácio — Dona, Deus lhe pague. No inverno, se eu puder, a senhora recebe tudo isso.

Donana — Não é preciso, faz-se o que se pode. Saiu muita gente de sua terra?

Louácio — Muita, quase todo mundo foi embora.

Cícero — A fome é muita por aí afora. A Espinhara está pegando fogo!

truácio — Dona, eu vou lhe dizer uma coisa: essa terra é amaldiçoada!

Joana — Homem, pelo amor de Deus não diga uma coisa dessa! Você não tem medo dum castigo?

Invácio — Os meninos morrendo aos montes e os pais pelas portas, pedindo ajuda, pra fazer o enterro dos inocentes. Agora eu pergunto: isso pode estar certo?

Joaquim entra e cruza rapidamente a cena, com o rifle.

Rosa — (Ansiosa.) Pai!

Joaquim — Que é?

Rosa — Houve alguma coisa?

Joaquim — Estão derrubando a cerca!

 \underline{S} ai, perdendo-se ao fundo, junto à cerca.

Joana — (Inquieta.) O que foi, dona?

Donana — A cerca! Nossa Senhora, a briga vai começar!

Joana — (A Inácio.) Pelo amor de Deus, vá atrás de Neco! (A Rosa.) Moça, pelo amor de Deus! (Põe as mãos e ajoelha-se.)

Rosa — Que há?

Joana — Meu filho ficou lá longe, na cerca. (Ouvem-se dois tiros.) Meu Deus! Neco!

Corre para fora, com <u>livácio</u>. Entra <u>Gavião</u>.

Donana — Gavião, que foi que houve?

Gavião — O rapaz estava montado na cerca. Joaquim atirou nele com o rifle. Ele respondeu com uma garrucha, e correu. Mas parece que está ferido!

Rosa — Meu Deus, vamos avisar papai!

Donana — Ele não estava derrubando a cerca não, estava só tirando mel!

Correm para fora. Entra <u>Neco</u>, rapazinho ferido. Olha por todos os lados, procurando. Na mão, tem uma garrucha. <u>Joaquim</u> entra no seu encalço. <u>Neco</u> joga a garrucha no chão e corre. <u>Joaquim</u> vai ao limiar da cena, leva o rifle ao rosto e atira, no momento em que todos, inclusive os cabras, voltam.

Gavião — Está morto.

Joana — Minha Nossa Senhora! (Corre para fora, com Inácio.)

Donana — Joaquim, por que você fez isso? Ele não tinha nada a ver com o pessoal de Antônio!

Joaquim — Como é que eu podia saber? Estava na minha cerca, eu só podia pensar que era para derrubar. E ele atirou em mim!

Donana — Com uma garrucha de menino, carregada de chumbo, depois de um tiro de rifle...

Joaquim — Cale a boca. O enterro fica por minha conta. Foi uma desgraça que aconteceu com ele como podia acontecer comigo. Manuel, leve o rapaz no caixão da caridade, o resto eu pago. E diga ao pai do menino que eu o matei por engano, que ele vá lá em casa que eu estou disposto a pagar o que ele pedir.

Manuel — Onde se faz o enterro?

Joaquim — Junto da parede do sino, você tem licença para entrar em minha terra.

Entra em casa, com Rosa e Donana.

Maxuuel — Só assim o homem me dava licença para entrar na terra dele, hoje. Vou para a capela, ajeitar o caixão. Juntem as mulheres, pra rezar, e tragam o rapaz para a igreja.

 $\underline{\mathbf{A}}$ bre a porteira e entra na capela.

Gavião — Que cara é essa, meu irmão? A bala pegou em você?

Martim — Não.

Gavião — Foi você quem matou o rapaz?

Martim — Não, mas foi horrível pensar que ele morreu por engano, inocente, nessa briga em que estamos metidos. Podia ter sido um de nós o escolhido para atirar nele.

Gavião — Você deixe de estar pensando no que não presta, senão vai terminar atirando na cabeça. E Manuel vai lucrar com seu enterro.

- MARTIM Como já está cuidando de lucrar com a morte desse pobre.

 Joaquim vai pagar o enterro e quer dar dinheiro ao homem. Agora? Que é que adianta, depois do filho morto? Esta terra é perdida, com o sol, as balas, a poeira!
- Caetano Estão ouvindo o barulho do serrote e do martelo na madeira? Aquilo é Manuel, ajeitando o caixão da caridade.
- Martim Sei que vou passar a noite de hoje com esse barulho do martelo nos ouvidos.
- Caetano Você se acostuma. Eu ouço aquilo desde pequeno.
- MARTIM Mas um, coitado, daquela idade! Viveu, trabalhou, andou tanto pela estrada que estava com os pés em carne viva... E pra quê? Pra morrer aqui desse jeito!
- Caetano O mundo é assim mesmo, e não temos outro lugar pra onde ir. Ninguém vive de graça, nem morre de graça, como diz Manuel.
- Martim Estava tirando mel para dar aos pais. As mãos dele ainda estavam molhadas, tinham mel e sangue. Eu vi, quando cheguei perto. Ah, meu Deus, que terra, esta!

 $\operatorname{\underline{\mathcal{E}}}$ ntra $\operatorname{\underline{Cicero}}$, com uma cruz de madeira na mão.

Cícero — Vim avisar que o povo já vem. O sino está batendo, parecem ondas douradas no sol. Ele só bate assim quando uma pessoa morre de tiro. O sol estava em redor dele quando atiraram. E quando o sangue molhou a terra, estava morno. Agora vêm cantando por causa dele. (Numa invocação.) Chega, irmão das almas, não fui eu que matei não!

Entram todos, conduzindo o caixão que MANUEL levou da capela para o lugar onde se supõe que estava o corpo. Joana e Inácio encabeçam o cortejo, com a dor já contida e rezando, como se, de certa forma, vissem que não tinham mais nada a fazer pelo filho, exceto isso.

Joana

Tenho o meu rosário pra nele eu rezar mais Nossa Senhora quando eu lá chegar.

Todos

Quando eu lá chegar com muita alegria. Rosário de prata da Virgem Maria.

CICERO — Chega, irmão das almas, não fui eu que matei não!

 $\underline{\mathcal{E}}$ nquanto se enterra o rapaz, vão rezando e cantando.

Donana — (Cantando.) Nossa Senhora, orai por ele!

ÎNOCÊNCIA

(Cantando.) Mãe de Deus, Mãe de Deus, Ó Mãe de Deus, Orai por ele, Mãe de Deus! Invácio — (Rezando.) Meu Deus, tenha piedade de nós!

Cícero — O sangue vermelho foi derramado.

CAETANO

(Rezando.) Estão se abrindo os portões de prata do paraíso.

MITRAM

(*Rezando.*) Adeus, adeus, meu irmão! Até dia de juízo!

Donana — (Rezando.) Ó rosário sem mancha de Maria!

thocência — (Rezando.) Ó mistério de sangue da paixão!

Joana — O sangue por perto dele molhava a terra vermelha.

Thanuel — (Rezando.) Virgem Mãe.

Саєталю — *(Rezando.)* Estrela matrona.

MARTIM — (Rezando.) Bogari verdadeiro.

Gavião — (Rezando.) Rosa manjerona.

Cícero — O sangue dele corria na terra. Na terra de poeira parda. Tinha mel e sangue na boca, vermelho e dourado. Os anjos de ouro estavam no céu e a Morte passou por ele, com as asas brilhando, no vento cheio de sol.

Joana — Meu filho! Mataram!

Luxácio — Venha, não fique assim não! Um dia, eles pagam tudo isso!

Rosa sai de casa e aproxima-se deles.

Joana — É a senhora! Ah meu Deus!

luácio — Que é que você vem fazer aqui, moça?

Rosa — (A Joana.) Dona, pelo amor de Deus, escute!

tivesse sabido! Melhor que não tivesse dado nada, pelo menos eu não estava sentindo na boca o gosto dessa comida amaldiçoada! Mas seu pai pode ficar descansado, se eu estiver vivo quando chover, venho pagar tudo!

<u>S</u>ai.

- Rosa Dona, eu não tive culpa, eu não estava com vocês? Foi meu pai! Ele matou minha mãe também! Esconderam de mim, mas eu sei! Ele matou minha mãe. Eu me lembro, eu vi, tinha sangue no quarto dela!
- Joana Eu sei que você não tem culpa, moça, mas que adianta? Quando olho pra você, vejo o sangue que matou o meu! Criei meu filho a vida toda: como é que vou ficar agora? O sol já vai se cobrindo, vou ficar sozinha no

escuro. No começo, não acreditava direito, até que vi esses homens jogando terra para encher a cova. Aí, não pude mais!

Rosa — Eu sei, mas eu? A senhora me perdoa? Eu lhe peço pelo sangue de Nosso Senhor!

Joana — Descanse, filha de Deus, por mim está perdoada!

Rosa — Vá então pra junto de sua família. E Deus lhe pague o que fez por mim!

Rosa está do lado da casa de Joaquim. Gavião e Martim estão junto à porteira da cerca. Enquanto Joana sai, indo se juntar a <u>inácio</u>, <u>Francisco</u> chega, pela estrada.

Francisco — Isso foi um enterro?

Gavião — Foi. Pelo menos parece, porque enterraram um homem, e quando acontece isso, chama-se um enterro.

Francisco — Boa chegada, pra quem vinha fugindo da morte.

Martim — Você é daqui?

Francisco — Mais ou menos. Quem morreu?

Gavião — Um rapaz que ia se retirando e que, aqui, se retirou de vez para o céu.

Francisco — Morreu de fome?

Gavião — Não, de cobra! Uma cobra, de dentes de ferro, mordeu o coitado bem no meio da testa.

Francisco — Uma cobra?

Martim — Não ligue, é meu irmão e fala demais. O rapaz morreu de tiro.

Francisco — Por quê?

GAVIÃO — Por nada. Morreu por engano.

Francisco — É o que acontece com todo mundo. Quem o matou?

Gavião — O dono da terra que você está pisando.

Francisco — Antônio Rodrigues, das Cacimbas?

Maranhão, da Quixaba.

Francisco — Esta terra não é dele.

Gavião — Pois vá dizer isso a ele, se tem coragem. Posso perguntar quem é você?

FRANCISCO — (Indicando MANUEL que vem chegando.) Manuel me conhece, pergunte a ele.

MANUEL — Francisco!

Caetano — Saia, vamos para o outro lado da cerca! Isso aqui está queima não queima, por causa da terra. A briga parou enquanto se fazia o enterro!

Francisco — Espere, não tenho nada a ver com as brigas de meu pai!

Manuel — Você não veio para ajudar? Não recebeu o recado de seu pai, não?

Francisco — Não recebi nada, estou chegando por acaso! Mas esperem: quem é aquela?

Gavião — Ah, aquela é a filha do dono da cobra de ferro que matou o rapaz!

FRANCISCO — Rosa!

Majuel — É Rosa, sim. Você ainda se lembrava dela?

Francisco — Não como ela está agora! Ah, meu Deus, foi como se eu tivesse tido uma vertigem, parecia o sol dançando na minha vista! Ela parece uma garrota vermelha, uma égua castanha com as crinas balançando!

GAMÃO — Se você olhar muito, a cobra de ferro morde você! O homem mata quem olha para ela, principalmente por baixo do vestido, como você está querendo!

Francisco — O vestido não deixa, está cobrindo demais!

Gavião — E nós, queríamos cobrir e não podemos!

Francisco — Está errado, um vestido assim, porque o que ele mostrasse bem valia a pena.

Martim — (Erguendo o rifle.) Eu se fosse você, falaria com mais cuidado!

Francisco — Calma, companheiro, falei por falar. Ela é minha prima e estava brincando um pouco com seu irmão.

Martim — Cada um sabe de si e o que pode fazer ou não. Mas, com a situação como está, eu aconselharia você a voltar para o lugar de onde veio.

Gavião — Que é isso, meu irmão? A briga ainda nem começou e, parente por parente, ele também é nosso.

Martim — Façam o que quiserem, não tenho nada a ver com isso. Inimigo é inimigo e eu digo a você, Gavião, que tome cuidado com esse.

 $\underline{S}ai$.

Gavião — O que foi que deu nele, meu Deus?

 \underline{S} ai também, no encalço do irmão. $\underline{\mathbb{R}}$ osa encaminha-se para casa.

Francisco — Rosa!

Rosa — Meu Deus, é você?

Francisco — Ainda sabe quem sou?

Rosa — Peço-lhe, por tudo quanto é sagrado, que não fique aqui; se meu pai me avistar com você, mata-o na mesma hora!

Francisco — Não tenho nada a ver com as brigas de meu pai. E você sabe se não é assim que eu quero morrer?

Rosa — Eu devia ter fingido que não o reconhecia, mas não esperava isso e não pude! Meu Deus!

Francisco — Que é que você tem, Rosa? Por que me trata assim?

Rosa — Não sei, adeus!

Francisco — Não, não vá agora! Por que tudo isso? É por causa da terra? Deixe que meu pai e o seu briguem, mas não me receba desse modo!

Rosa — Recebê-lo? Como? Quem sou eu, para recebê-lo de um modo ou de outro? Você nunca me deu esse direito, Francisco!

Francisco — Rosa!

Rosa — Não, não chegue perto de mim, vá pra sua terra! Não sei o que estou dizendo, foi a morte desse rapaz que me deixou assim. Adeus. E, em nome de Deus, volte para onde estava.

Entra em casa.

Francisco — Afinal, que é que há por aqui? Por que todos me tratam com tanta dureza, no momento em que chego?

Caetano — É a morte, que, aos poucos, vai nos cercando e deixa todos nós assim.

Francisco — Mas comigo? Que tenho eu a ver com tudo isso? Por que Rosa falou assim comigo?

MADUEL — Vá procurá-la à noite, quando Joaquim Maranhão não estiver perto e pergunte a ela. Escolha uma hora em que ela estiver só e à noite, só pode ser à noite. Ela talvez diga muita coisa. Mas, antes de ir, pense bem se quer mesmo saber, porque a resposta pode levar você à morte.

Francisco — Está bem. E meus pais?

CAETANO — Vou chamá-los.

Francisco — Não. Tenho um favor a lhe pedir, Manuel. Não estou com coragem para ver meus pais agora. Vou para o cercado: você avise meus pais de minha chegada e diga que eu virei para casa depois que o sol se puser. Diga que, por favor, ninguém vá me buscar lá. Eu virei, logo que possa.

Manuel — Não está direito isso, rapaz! Vá tomar a bênção a seus pais!

Francisco — Não, peço-lhe por favor. Outra coisa: onde foi enterrado o rapaz?

Manuel — Perto do muro da igreja.

Francisco — Pois, se meu pai consentir, quero que vocês cavem uma cacimba defronte da cova, no oitão da casa.

Majuuel — Uma cacimba, aí? Será que dá n'água?

Francisco — Conheço este lugar, se cavar bem, dá n'água, deste lado.

Manuel — Está bem, vou falar com seu pai.

Francisco — Sim, é ele o dono da terra. Diga a ele que quando escurecer, eu volto. Mas não quero nem ouvir falar no que se passou entre nós.

Sai.

Manuel — Camarada, pode azeitar o rifle, porque o barulho vai começar hoje à noite.

Caetano — Ele disse que não tem nada com a briga do pai.

Manuel — E você acredita nisso? Pra que essa chegada de repente, senão pra brigar?

Caetano — É possível.

Maxuel — Enfim, a noite desce já, o escuro já está cobrindo tudo. Eita, noite velha! É a hora em que tudo acontece; a morte, o sono, tudo o que esquenta o sangue e escurece a cabeça. O dia acaba e a noite chega, mais esquisita ainda depois de um sol como esse que nos deixou, depois de uma morte como essa que sucedeu. Assim, é melhor ficarmos preparados para tudo: com um começo como o de hoje, tudo pode acontecer. Ninguém está livre de nada, nesse mundo em que nem se vive nem se morre de graça.

Saem.

FIM DO PRIMEIRO ATO.



Segundo Ato

Mesmo lugar. Estão em cena Gavião, Martim e Caetano.

- GAMÃO Que coisa mais esquisita, essa desse camarada mandar cavar uma cacimba, sem ninguém saber por quê! Depois, não quer falar com os pais. Por que será?
- Caetano Não sei, ele sempre foi assim, com esses modos esquisitos. Não é de hoje não.
- Gavião Engraçado, ele é meu parente e eu nunca o tinha visto. Você o conhece desde pequeno?
- Caetano Conheço! Os pais não sabiam o que fazer com ele. Aliás, acho que nem ele mesmo sabia, tanto que vivia pelos matos.
- Gavião Será que vão obedecer a ele, nisso de não procurá-lo?
- Caetano Isso nem se pergunta! E não dou um minuto para o homem mandar-nos cavar a cacimba que ele pediu.
- GAVIÃO Companheiro, você não acha que, de cavar, já basta a cova do rapaz?
- Caetano Acho, mas que é que posso fazer? Agora, pelo menos, não será para enterrar ninguém.

Entram <u>Antônio</u>, <u>Manuel</u> e <u>lnocência</u>, vindos da casa do primeiro.

Antônio — Foi ali que ele pediu?

MANUEL — Foi.

Αντôνιο — Caetano!

Caetano — (A Gavião.) Está vendo?

Aมาôมเด — Ajude Manuel ali a cavar uma cacimba até que dê n'água.

Caetano — E quem vigia a cerca?

Aมาôมเด — Encostem os rifles aqui perto. Qualquer coisa, vocês podem ver daqui.

โทงดะโทงเล — Meu Deus, me dê paciência! Para onde ele disse que ia, Manuel?

Majuul — Para o cercado. Pediu que ninguém fosse vê-lo e que recebessem ele como se não tivesse havido nada.

Αντόνιο — Falou mais alguma coisa?

Majuuel — Não, somente isso: que cavássemos a cacimba e que ninguém fosse vê-lo. Como se não tivesse havido nada!

lποcêπcia — Deus que me dê força para suportar tudo isso!

Aมาôมเด — Não chore, não há motivo nenhum para isso, se ele voltou. Venha, tudo se arranjará da melhor maneira possível.

Entram em casa.

Martim — Que sujeito, esse Francisco!

Gavião — Que tem ele?

Martim — Todas essas manobras, esse mistério! Só pensa em chamar a atenção de todo mundo!

Gavião — Você parece que não gosta muito dele.

Martim — Eu o odeio!

GAVIÃO — Por quê?

Martim — Não sei, olhei para ele e detestei-o no mesmo instante, acho que meu sangue não combina com o dele.

Gavião — E no entanto é o mesmo sangue nosso.

Martim — Você mesmo disse que esses laços de sangue não valiam mais nada. Se isso é verdade com Joaquim, de cujo lado estamos, quanto mais esse inimigo, que nós nunca tínhamos visto!

Gavião — Você acha que ele veio para tomar a terra de volta?

Martim — De volta, diz você? Então você acha que eles têm razão e nós estamos do lado errado?

Gavião — Meu irmão, eu lhe digo uma coisa: estou nessa briga e vou nela até o fim, do lado em que comecei. Mas o que eu acho a respeito dela é meu e

ninguém tem nada a ver com isso.

Martim — Você tem razão, desculpe.

Gavião — Que é que você tem? Desde hoje que está pelos cantos, calado, querendo morder todo mundo antes de tempo... Que é que há?

Martim — Não sei, meu irmão, talvez seja tudo isso, esta terra, essa morte, essa briga que começa... (*Para os outros, a fim de se distrair.*) Ei, camaradas, cavando de novo?

Manuel — De novo, e agora sem sua ajuda.

Martim — Pra que é a cacimba, desta vez?

Manuel — Espero que não seja para os defuntos de vocês dois.

GAVIÃO — O mesmo espero de vocês.

Manuel — Cheguem-se mais pra perto. A cacimba está se abrindo e a terra está ficando mais fria. Parece que vai dar n'água, mesmo.

Gavião — Que cheiro bom!

Caetano — É a terra nova que a enxada abriu. Não derrubem a cerca e poderão ficar sentindo o cheiro até sair a água nova.

Entram Cícero e Joaquim.

Joaquim — Gavião! Martim! Venham cá! É verdade o que Cícero me disse, Francisco está de volta?

Gavião — Está. Foi para o cercado, mas disse que voltaria, assim que escurecesse.

Joaquim — Ele foi ao cercado? Fazer o quê? Fiquem de olho na cerca, talvez ele tenha ido lá para o alto do tabuleiro.

Gavião — Pra quê?

Joaquim — Talvez para queimá-la.

Martim — Pensei nisso, mas depois vi que, com o arame, ele não conseguiria grande coisa.

Joaquim — Mesmo assim tomem cuidado com ele. Aquilo é como gato, esconde as unhas pra dar o bote melhor.

Martim — Joaquim, se houver luta, gostaria que você deixasse esse Francisco a meu cuidado.

Joaquim — Espere, cada coisa tem seu tempo, quando chegar a hora eu lhe digo. Ele disse que voltaria ao escurecer?

GAVIÃO — Disse, mas se posso dar minha opinião, acho que ele não veio pra brigar não. Disse que não tem nada a ver com a terra do pai.

Joaquim — Quer dizer que a briga entre os dois continua. Isso é bom; talvez, assim, o acordo se faça como eu quero e não como Antônio pensava que podia, na esperança da ajuda do filho. O juiz esteve aqui?

Gavião — Esteve, mas tivemos que fazer-lhe um pouco de medo; ele começou a fazer perguntas sobre a morte do rapaz.

Joaquim — Ah, não fale nisso, foi uma desgraça. Como é que eu podia saber? Numa situação dessas, ele acha de tirar mel logo na cerca!

Cícero — É verdade, você não podia adivinhar.

Joaquim — O pai foi embora sem me ver e sem receber o que queria lhe pagar. Mas que culpa tive eu? Só quero que me deixem em paz com minha terra, minha casa, minha filha e meu gado. É o que peço e não é muito. Estou envelhecendo e, mesmo quando era mais moço, nunca fiz mal a quem não se meteu na minha vida. Por que, então, não me deixam em paz? Paz, paz: é só isso o que eu desejo agora. Caetano!

Caetano — Que há?

Joaquim — Diga a Antônio que apareça, quero falar com ele.

<u>Caetano</u> sai para a casa de <u>Antônio</u>.

Cícero — Você vai renovar a proposta de acordo ou fazer outra?

Joaquim — Depende da situação, depende do que houve entre ele e o filho. Vamos ver, aí vem ele.

Aมาôมเด — (Entrando, seguido de CAETANO.) Você quer falar comigo? Que há?

Joaquim — Seu filho chegou, como eu suspeitava: o que você queria mesmo era ganhar tempo.

Aมาôมเด — Você pense o que quiser, Joaquim, a verdade é o que eu já lhe disse. Foi para discutir que você me chamou?

Gavião — Aí vem o rapaz.

Joaquim arma o rifle e Απτόπιο também. Entra Francisco.

Francisco — Meu pai, que é isso? Abaixe esse rifle! E o senhor, meu tio, é assim que me recebe? Posso cumprimentá-lo?

Joaquim — Você está armado?

Francisco — Não.

Joaquim — A situação não permite falta de cuidado. E, modos por modos, os seus são muito mais estranhos: você não tomou nem a bênção a seu pai.

Francisco — O senhor não tem nada com isso. Quanto à situação, ela se criou na minha ausência. Eu não tenho nada com isso, nem me meto nas brigas de meu pai.

Αντόνιο — No entanto, eu estou lutando pela terra por sua causa!

Francisco — Eu lhe pedi, por acaso, que fizesse isso? A terra pela qual estão lutando não vale nada, pelo menos para mim.

Antônio — São terras altas, mas dão bom pasto para o gado.

Francisco — Você sabe se eu quero criar?

Antônio — É a terra de seu pai, foi a terra de seu avô e deve ser sagrada para você.

- Francisco Cheia de sangue é uma carga muito pesada! A família! Que herança, quantas histórias amaldiçoadas vêm com ela!
- Joaquim É verdade. Mas se você pensa assim, a questão é fácil. Você não quer criar, eu não quero plantar. Você aceitará trocar a terra de pastagens por outra de baixios?
- Francisco Dirija-se a meu pai. Como poderia discutir qualquer acordo sobre uma terra que não me pertence? Só depois que meu pai morrer é que posso me apossar de tudo. Discuta, portanto, com meu pai: o dono da terra é ele, eu não.

<u>A</u>o ouvir isso, <u>Aπτôπιο</u> encara <u>Francisco</u> e sai sem dizer palavra.

Joaquim — Então com seu pai vivo, depende dele... E se dependesse de você?

Francisco — Não sei, deixem-me em paz, todos! Já estou cansado de ouvir falar nesta terra e de dizer que não quero nada com ela. Até parece que é a única coisa que existe aqui! Por que não me deixam em paz como eu quero deixar vocês?

Joaquim — Obedeço. Em todo caso, estou à sua disposição quando você quiser conversar sobre o acordo. E diga a seu pai que, agora, ficou tudo mais fácil.

Francisco — Por quê?

Joaquim — (Rindo.) Diga somente isso, eu sei que ele entenderá. E diga também que, agora, eu aceito, sob palavra, a proposta que ele tinha me feito para que nossas casas fossem respeitadas.

 $\underline{S}ai$.

Francisco — Briga de família, questão de terra, a lembrança e a ameaça do sangue: não há dúvida, estou em casa! E minha cacimba?

Manuel — Parece que vai dar n'água.

Francisco — Quando estiver perto do fim, eu venho terminar, deixem isso para mim. Porque talvez hoje essa briga se acabe.

Entra em casa.

Martim — Você viu o que eu dizia? Isso é lá gente! Insinuou a Joaquim que se ele matasse o pai, faria acordo sobre a terra!

GAVIÃO — Você acha que foi isso que ele quis dizer?

Martim — Claro! Você não viu como o pai saiu, quando ele disse aquilo? E agora entendo o mistério da cacimba, é a cova do pai que ele mandou abrir.

GAVIÃO — Meu Deus, será possível?

Cícero — Venham, a água está começando a minar.

Gavião — Agora, o cheiro da terra está mais forte. A noite está avançando e esfriando. Se fosse no inverno, o riacho deveria estar com água, bonito, com a lua em cima.

CICERO — Pois eu gosto da noite, mesmo na seca. Talvez porque eu seja de uma terra mais baixa, onde até as noites são quentes. Aqui, nestas alturas, seja qual for o tempo, a noite é boa. Está esfriando aos poucos, sentem? Mas a terra ainda está morna e cheirosa. Olhem: a água vai ficar bonita, com esta luz! Venham ver!

Gavião — Não, Cícero, é melhor ficarmos aqui. Você pode andar à vontade por onde quiser, todo mundo o respeita. Conosco é diferente.

MANUEL.

Abriu-se a cacimba nova e um Anjo acordou no céu, com cravos em seu redor. Cravos e rosas em seu peito

viraram manjericão.
Ele tem seis coroas na cabeça.
Ah, se fosse no inverno!
As bonecas de milho, cor de ouro estariam balançando no vento: na terra do roçado e na bandeira do mastro grande, para olhar o Anjo!

Cíce.r.o

A luz das estrelas brancas brilha por todo o seu corpo, mas, se ele viesse ao mundo, a terra pegava fogo. De dia, ele passa nas estradas, mas abaixa o rosto para que tudo não se queime. Mas, mesmo assim, a luz é tanta que ninguém pode ver direito. O Sol! A Morte!

MARTIM

Sim, talvez seja perigoso, mas no entanto eu queria avistar um Anjo na terra. Mesmo que ele viesse vestido com um manto de sangue e fogo e fosse o Anjo da glória e da morte.

CAETAJUO

Ele desce pelo caminho de Sant'Iago, num Cavalo todo branco que tem uma estrela de prata na testa. No dia em que ele vier de noite, todos os paus se enchem de resina. Tudo cheirando: o cheiro das cajazeiras no vento.

Martim — Camaradas, vamos plantar, em louvor do Anjo, um galho de roseira na terra molhada.

Gavião — De onde tiramos? Do jardim de Rosa! Tome, aqui está! Um pé de rosas vermelhas! Martim planta as rosas de Rosa e na rosa vermelha dela, eu, Gavião, queria bicar!

Entrega o pé de rosa a Manuel, que começa a plantá-lo. Entra Francisco, que permanece silencioso, olhando a noite.

Manuel — Agora está atacado de tristeza. É assim, brinca, briga, e de repente fica calado, olhando para a noite.

Саєталю — A cacimba deu n'água!

Francisco — Então eu vou!

Martim — Vamos sair daqui, Gavião!

 \underline{S} aem os dois, $\underline{\text{MARTIM}}$ lançando um olhar de ódio a $\underline{\text{FRANCISCO}}$, que se aproxima de $\underline{\text{MANUEL}}$ e $\underline{\text{CAETANO}}$.

Francisco — Que é que você está fazendo?

Manuel — Nada, foi Gavião que me deu esse galho de roseira e eu estou plantando na terra molhada, em louvor do Anjo e da cacimba.

Francisco — Foi de lá, do jardim de Rosa?

MANUEL — Foi.

Francisco — Então deixe, que eu mesmo quero plantá-lo. E vão buscar suas Violas, quero que vocês cantem alguma coisa para mim e para celebrar o Anjo da cacimba.

Caetano — E seu pai? Ele não quer que se deixe a cerca!

Francisco — Diga a ele que eu fiquei vigiando.

Cícero — E Inocência?

Francisco — Passou o choque, está bem agora. Vão. Eu vou cavar o que falta. (Saem Cícero, Manuel e Caetano. Rosa aparece em sua casa e, enquanto Francisco acaba de cavar e amassar a terra, plantando o galho, aproxima-se dele. Francisco vai até a cerca, perto dela.) Você? Estava esperando que você viesse.

Rosa — Que era que você estava fazendo?

Francisco — Estava terminando de abrir a cacimba. Gosto da água. E de cortar a terra também.

Rosa — Eu sei, ouvi você dizer isso uma vez.

Francisco — E ainda se lembra?

Rosa — Eu nunca me esqueço de nada que ouvi de você.

Francisco — No começo, a terra estava dura, seca e parda. Mas, depois, foi ficando mais escura, macia e mansa. Terra morena e boa!

Rosa — Daqui se pode sentir o cheiro.

Francisco — É a terra nova, molhada, a terra que a enxada abriu. Foi ficando mais molhada, mais úmida, e, de repente, a enxada cortou um veio novo e a água encheu tudo, espumando, com cheiro de raiz. Venha ver!

Rosa — Não, meu pai me mata!

Francisco — Ele gosta de mim, comigo não se importa: venha! (Rosa temerosamente obedece e transpõe a cerca. Francisco toma-a pela mão e aproxima-se da cacimba.) A água está ficando cada vez mais limpa, agora, e a lua está boiando nela. Venha, eu plantei na terra molhada o galho de uma roseira sua!

Rosa — Daqui? Do meu jardim?

Francisco — Sim, um dos rapazes de seu pai tirou e nos deu.

Rosa — Martim?

Francisco — Não sei, ele entregou o galho a Manuel.

Rosa — Só pode ter sido ele!

Francisco — Você diz isso de maneira estranha. Por quê?

Rosa — Essas rosas eram de minha mãe, se ele fez isso, foi de propósito, por minha causa!

Francisco — Por sua causa?

Rosa — E por causa de você, também! Tome cuidado com ele. Ele o odeia, vejo isso claramente, agora!

Francisco — Ele me odeia? Como, se nem o conheço?

Rosa — Mas ele o conhece, é um parente pobre e distante nosso, que meu pai empregou, com o irmão.

Francisco — E o ódio que ele me guarda, guarda a você também?

Rosa — Não sei.

Francisco — Então é amor?

Rosa — De minha parte, não.

Francisco — E da parte dele?

Rosa — Não sei.

Francisco — Devo perguntar a ele?

Rosa — Não!

Francisco — Por quê?

Rosa — Porque você arriscaria a vida e não quero que você morra!

Francisco — Rosa! Você está linda agora, com a noite e a lua. Mas seu vestido é outro. Por que você o trocou?

Rosa — Se eu disser, você me desprezará.

Francisco — Desprezá-la, eu? Nunca! Diga por que foi, nós estamos sós.

Rosa — Martim me disse... Não, nunca terei coragem!

Francisco — Martim? Que lhe disse ele?

Rosa — Que você tinha dito umas coisas feias a meu respeito. É verdade?

Francisco — É verdade!

Rosa — Você me despreza, então?

Francisco — Não, Rosa, acredite que não! Eu disse tudo brincando, até sem maldade. Não sei por que disse aquilo, digo o que não devo, quase sem querer. Quem sou eu para desprezá-la?

Rosa — Ah, Francisco, fiquei tão triste! Depois, ele disse que você só queria o meu mal e tinha dito que era pena que meu vestido me cobrisse tanto! E eu, em vez de lhe ter ódio, fui procurar esse vestido, que era de minha mãe, e o vesti para vir aqui.

Põe o rosto entre as mãos.

FRANCISCO — Rosa, peço-lhe de todo coração, que me perdoe. Eu não a desprezo, não a desprezarei nunca. Quero me casar com você, desde que a avistei que penso nisso. Foi por isso que, não sei por que, resolvi abrir a cacimba: queria ficar com você junto dela! E foi por isso que tomei o galho de sua roseira dos outros, para plantá-lo eu mesmo.

Rosa — Ah, meu Deus, Francisco, é verdade o que você me diz?

Francisco — Eu lhe juro pela Hóstia e pelo Cálice, por tudo quanto é sagrado. Que é isso? Está chorando?

Rosa — Não, estava agradecendo a Deus o que acabo de ouvir!

Francisco — Rosa!

Rosa — É preciso cuidado, Francisco, se meu pai nos encontrar aqui, Rosa morre.

Francisco — Não tenha medo.

Rosa — Eu tenho que ter medo, por mim e por você, porque agora estaremos sempre ameaçados pela morte, pelas mortes que estão por todas essas paredes, pela estrada, na igreja, no cemitério!

Francisco — É verdade, eu sinto isso mais do que você pensa! Aqui, então, a morte parece que ronda todos nós. Seu pai, o meu, esse Martim que parece amá-la e por isso há de querer me matar, e, agora, nós dois. Por que eu nunca tinha reparado em você antes, Rosa? Rosa, meu amor!

Rosa — Não, por favor, não se aproxime.

Francisco — Você não me perdoou ainda?

Rosa — De todo coração, não tinha nada a lhe perdoar. Mas Francisco, meu amor, veja, pelo amor de Deus, o que nos pode acontecer. Você é cego, sempre foi assim, e não sabe aonde isso pode nos levar! Eu tenho que ir.

Francisco — Tenho um pedido a lhe fazer, antes que você vá.

Rosa — Pois faça.

Francisco — Vista o vestido que você usava quando eu cheguei. E tome esta faca para você. Não é bonita?

Rosa — É linda!

Francisco — Está vendo o cabo? É todo cravejado de ouro. Foi nosso avô que deu à mulher, como presente de casamento. É por causa deles dois que nosso sangue é o mesmo, façam nossos pais o que fizerem para nos separar. Tome, é sua. Quero que você saiba que vou me casar com você, mesmo que isso nos leve para a morte.

Rosa — Francisco, meu amor, o mesmo digo eu!

Beija o cabo da faca e entra em casa. Entra <u>Inocência</u>, vinda da sua, e aproxima-se de Francisco.

înocência — Meu filho!

Francisco — Que é, minha mãe?

Inocência — Vi quando você veio para cá. Você está contente em casa?

Francisco — Estou.

ÎποςξηςιΑ — Você ainda vai embora?

Francisco — Não sei, acho que não. Mas com esta briga, este ambiente de ameaça...

Inocência — Não fomos nós que começamos isso, pode acreditar!

Francisco — Eu sei.

โพดดะโพดเล — Tenha paciência conosco, meu filho! Com seu pai principalmente! Depois do que se passou...

Francisco — Eu pedi para não falarmos mais nisso!

L'NOCÈNCIA — É verdade. Nós ficamos muito sós, depois que você foi embora. Vivíamos no roçado, trabalhando, fazendo mais do que se precisava, para não ter que ficar em casa e não nos lembrarmos de tudo. Agora, mal chega, você fez qualquer coisa a seu pai que o deixou arrasado. Que foi?

Francisco — Minha mãe, deixe isso tudo, pelo amor de Deus!

Ινιος είνεια — Está bem. Você veio falar com Rosa?

FRANCISCO — Vim.

ໂກວເຂົກເເລ — Não se meta com aquele povo não, meu filho. É triste se dizer isso do próprio irmão, mas aquilo é gente de sangue ruim. A mãe de Rosa...

Francisco — Eu sei, Joaquim matou-a, não estou esquecido.

Inocência — E mata você também, se o pegar com Rosa!

Francisco — Isso não é tão fácil, como todo mundo parece que anda pensando! Mas vamos deixar isso, vem gente aí.

Entram Martim e Gavião, fazendo sua ronda.

Inocência — Esses homens armados, aqui, dia e noite! É insuportável, isso! E Joaquim fez questão de colocar aqui, defronte de minha casa, esses dois, para me lembrar que estou contra meu sangue. Ah, meu Deus!

Francisco — Seu sangue é o do meu pai e é com ele que sua obrigação está. E, se é por esses aí, os nossos vêm também. Caetano, Manuel, cheguem! (Cícero entra com os dois, que trazem Violas.) Trouxeram as Violas, muito bem! Venham cantar, que a cacimba deu n'água.

Martim — (A Gavião.) Você não acha estranhos, esses modos dele, depois do que houve com o pai? Estão tramando alguma coisa, é bom prevenir Joaquim.

CICERO — Ah, a água, limpa e nova! Cantem um romance, é o que eu acho mais bonito, de tudo o que se canta! Acho bom quando eles falam nesses lugares bonitos, de longe, como o conde que mata a mulher e a filha, numa Torre. Eu não sou daqui, cheguei numa seca de que ninguém mais se

lembra. Só aqui é que vim ouvir esses romances que vocês cantam. Sou de longe, muito longe. É por isso que gosto de ouvir cantar sobre esses lugares.

Francisco — Eu estive em muitas terras por este mundo afora. Mas nunca vi esses lugares de que os romances falam.

 R_{OSA} aparece em casa e vai-se chegando para a cerca.

Thanuel — Ah, meu Deus, faz tanto tempo que não canto! Será que ainda sei algum romance?

Caetano — Sabe sim, vamos cantar enquanto a briga não começa.

MANUEL — Qual?

Caetano — O de Minervina.

Cícero — Esse não, é melhor cantar um romance de pega de touro.

Manuel — Não, não me lembro de nenhum. Vou cantar o de Minervina mesmo.

Cícero — É preciso cuidado, Joaquim pode ouvir e ele proibiu que se cantasse esse romance, vocês sabem muito bem por quê.

Francisco — A terra do lado de cá é nossa, aqui se canta o que nós queremos.

înocência — Cuidado, Rosa está ali!

Francisco — Cantem o romance, eu vou para lá.

<u>V</u>ai para junto de <u>Rosa</u>. <u>Мажиег</u> canta, à Viola, acompanhado por <u>Саеталю</u>.

MANUEL

- Ó de casa Ó de fora!
- Minervina, o que guardou?
- Eu não lhe guardei mais nada: nosso amor já se acabou.
- Minervina, tu te lembras das palavras que disseste?
 Que a outro tu não amavas enquanto vida eu tivesse?

Minervina, tu te lembras daquela tarde de sol em que caíste em meus braços toda banhada em suor?

Na algibeira do capote trago um punhal escondido para matar Minervina que não quis casar comigo.

Na primeira punhalada Minervina estremeceu, na segunda, o sangue veio, na terceira, ela morreu. Do céu me caiu um cravo na copa do meu chapéu: terá sido Minervina que vai subindo pro céu?

Vou me embora, vou me embora! Eu daqui vou me ausentar. Vou sair de mundo afora, vou morrer, vou me acabar!

CICERO — Ah, esse é o romance mais bonito que conheço! As cordas da Viola parecem de prata, como a lua, e o romance fala de amor e morte. Para mim, a parte mais bonita é quando se fala que Minervina vai subindo para o céu. Em cada estrela tem uma escada de prata que desce até a Terra. É por elas que se sobe para o céu. Como é bom ouvir um cantador, cantando assim, no mato, uma história de morte e de sangue, com a lua esfriando e entrando pela madrugada! Olhem, a noite está cada vez mais clara! O manjericão baixou, em direção à terra. Isso quer dizer que o ano é de inverno, mas de desgraça e morte também.

Manuel — Ah, estamos na seca, mas mesmo assim a noite cheira tanto que o mato chega parece florado! Ah, o milho em pendão!

Cícero — Vamos aproveitar a água nova, e benzer, com o manjericão, as mulheres casadas e as moças donzelas. Orvalhadas! Cheguem as mulheres casadas! (Benze Inocência com um galho de manjericão, borrifando-a com água da cacimba.) Orvalheiras! Cheguem as mulheres solteiras! (Faz o mesmo com Rosa.)

A água, a água! O Anjo andará pelas estradas vestido de sete espadas de fogo. Um touro preto correrá pelo mato, mas não poderá cruzar as águas da enchente e não poderá cobrir a novilha de seu sangue. O Touro há de se ver cercado na ribanceira. Haverá milho e algodão em seu roçado, e o pasto será muito no cercado, mais trinta e quatro vaqueiros vão campeá-lo, vestidos de couro vermelho, montados nos seus cavalos, e o sangue do Touro preto avermelhará as águas da enchente!

Rosa — O sangue, o sangue! Ah meu Deus, por que não deixam de falar nisso?

Francisco — Que é isso, Rosa? Que é que você tem?

Rosa — Eles estão cantando essas coisas para me fazer medo. Mas eu não tenho! Meu pai pode me matar, mas eu não tenho medo, com você não tenho medo de nada. Eu faço o que você disser. Eu queria desde o começo, Francisco, agora não tenho mais vergonha de lhe dizer.

Francisco — Eu também quero você muito, Rosa. Mas não tenha medo, acalme-se.

Rosa — Eu quero ser sua mulher, mesmo que meu pai me mate. Vivi toda a minha vida presa, a língua presa e com você longe, mas agora não tenho medo de nada, digam eles o que disserem, cantem o que cantarem! Foi de propósito que eles disseram aquilo, ele e esse Cícero, que vive como um urubu, atrás da morte, atrás das mortes daqui! Você me quer também, não quer, Francisco?

Francisco — Quero, Rosa, é só você o que eu quero, agora!

Rosa — Então beije a faca que me deu!

Francisco — (Obedecendo-lhe e abraçando-a.) Você! Rosa!

Rosa — (Aterrorizada.) Meu pai!

Francisco — Onde?

Rosa — Lá, dentro de casa! Vá embora!

Francisco — Não!

Rosa — Vá, senão ele me mata! Vá, pelo amor de Deus! E se ele desconfiar de alguma coisa, negue de todo jeito, senão eu morro e nunca mais verei você! Você nega?

Francisco — Está bem!

Rosa — Jura?

Francisco — Juro, Rosa!

Rosa — Então está tudo bem, e que Deus lhe pague, mais uma vez, tudo o que você me deu.

Francisco vai para onde estão os outros. Entra Joaquim.

Joaquim — Que é que você está fazendo aqui, tão perto da cerca?

Rosa — Nada. Os homens começaram a cantar e eu vim ouvir.

Joaquim — Não quero você aqui perto. Espere! Que é isso que você está escondendo aí?

Rosa — Nada.

Joaquim — Deixe ver. De quem é essa faca?

Rosa — De minha avó, Donana.

Joaquim — Mentira! Você pensa que é a primeira vez que estou vendo essa arma? Ela era de meu pai e ficou para Inocência! Quem lhe deu a faca?

Rosa — Foi minha tia Inocência.

Joaquim — E por que você mentiu?

Rosa — Porque o senhor tinha me proibido de falar com ela.

Joaquim — Não foi de Francisco que você recebeu isso, não? Você estava com ele, aqui?

Rosa — Não, meu pai.

Joaquim — Se eu pegar você com ele, mato todos dois, está ouvindo?

Rosa — Estou.

Joaquim — Eu sei com que obediência posso contar! Mas, para ajudá-a, vou mandar você para a Espinhara, hoje mesmo, de madrugada!

Rosa — Meu pai, por que isso, se não fiz nada? Deixe ao menos para resolver amanhã.

Joaquim — Amanhã por quê? Você quer ganhar tempo, que história é essa? Aqui há alguma coisa, você nunca discutiu uma ordem minha! Que resistência é essa, de repente? É o que eu vou descobrir; mas, para evitar alguma traição que você esteja pensando em me fazer, vou forçar Antônio a fazer o acordo. Assim, não tenho mais que me preocupar com a terra e posso cuidar de você como desejo. Assim, pode se preparar, porque de madrugada você segue para a Espinhara. (Indo perto dos outros.) Antônio! Francisco! Venham cá todos!

Todos se aproximam, inclusive <u>Aπτôπιο</u>, que sai de sua casa e vem até ali, com o rifle armado. <u>Rosa</u> aproveita a confusão para falar com <u>Cícero</u>, que vem até ela, perto do proscênio.

Rosa — Cícero, em nome de Deus, diga a Francisco que preciso falar com ele aqui, quando todos tiverem saído. É caso de vida ou de morte e é em nome de Deus que lhe peço.

 $\underline{\mathbf{C}}_{\mathtt{\acute{ICERO}}}$ assente com a cabeça.

Απτôπιο — Quem é? Quem chamou?

Joaquim — Fui eu, Joaquim! Quero falar com você e Francisco.

Aมาôมเด — Francisco, cuidado, ele pode querer atirar agora!

Joaquim — Deixe de ser maldoso e desconfiado, homem! Chamei você para lhe propor uma trégua na luta, enquanto se discute a questão com o juiz.

Амто́мю — (A Joaquim.) Espere, quero falar com meu filho! (Baixo, a Francisco.) Você, o que é que acha?

Francisco — Eu não acho nada, aja como quiser! A terra é sua!

Antônio — Que ressentimento é esse seu contra mim? É por causa da briga que tivemos?

Francisco — Você estranharia que fosse?

Antômo — Não. E já que as coisas estão assim, vou esclarecer mais uma a você. Joaquim, antes, não queria aceitar a trégua para discutir, porque sabe que não tem razão. Se, agora, ele a aceita é porque está seguro de obter a terra por outro meio e sem luta, depois. E sabe por que ele está tão seguro assim de tudo isso?

Francisco — Não.

Antônio — Porque você insinuou que, depois que a terra for sua, isto é, depois que eu morrer, poderá entrar em acordo com ele. Quando você disse isso, praticamente entrou em combinação para que ele me matasse. Eu aguentei tudo, sabe Deus como! Depois pensei: não tenho nada com isso, fica entre você e sua consciência. Minha obrigação é defender a terra que foi do meu pai para meu filho. Pudesse você dizer que cumpriria da mesma forma a obrigação de honrar pai e mãe. Você pode dizer isso, Francisco?

Francisco — Não sei.

Aมาôมเด — Quer dizer então que você desejou minha morte? Que talvez a deseje ainda?

Francisco — O senhor pode me garantir, por acaso, que nunca desejou a minha? Ou a de minha mãe? Então o senhor julga que tudo o que me disse, naquele dia em que saí de casa, escorraçado como um cachorro, passou?

Antônio — Está bem, vou conversar com Joaquim! Estou velho e alquebrado e veja se faz por onde não me tirar o resto das forças que ainda tenho. Vou enfrentar uma luta desigual, porque tenho temor a Deus e aquele demônio não teme ninguém. Veja que é de sua atitude para com ele e para comigo que dependerá minha vida ou minha morte. Veja, então, o que faz e diz, agora, diante dele, porque senão, um dia, seu filho pode fazer com você o que você está fazendo agora comigo. (Vai para perto de Joaquim.) Então você quer fazer a trégua?

Joaquim — Quero.

Antônio — E discutir tudo, com base nos documentos, na presença do juiz?

JOAQUIM — Sim.

Aมบิงมเง — Quais são as suas condições para a trégua?

Joaquim — Por enquanto, a cerca fica onde está. Quem desrespeitar o limite, com a simples passagem para o outro lado, está sujeito à morte, sem que o outro lado possa reclamar.

Αντόνιο — Para que isso?

Joaquim — Este seu filho está rondando minha filha e quero ter o direito de matá-lo se ele vier aqui!

Francisco — Espere, o senhor precisa entender que...

Joaquim — Eu não quero entender nada e quero avisá-lo imediatamente de que, se tentar alguma coisa para o lado dela, morre!

Francisco — Está bem, mas o fato é que existem vários enganos aí no meio disso tudo!

Joaquim — Enganos? Que enganos?

Francisco — Cada um de vocês formou uma opinião sobre mim e quero dizer que nenhuma é verdadeira. Meu pai pensa que voltei na hora ruim para ajudá-lo a salvar a terra. Minha mãe pensa que voltei como o filho pródigo, para que me perdoem aqueles a quem, antes, eu devo perdoar. Para meu tio, eu sou uma espécie de cabra de confiança de meu pai e agora, ainda por cima, pensa que quero seduzir sua filha e casar com ela. Já é hora de eu mesmo dizer alguma coisa! Quero que saibam que estão todos enganados! Nem vim pedir perdão a ninguém, nem salvar nenhuma herança sagrada, nem procurar mulher. Nisso tudo, o que me interessa, é a terra. Mas não para conservá-la! Para passá-la adiante e me livrar, de uma vez, dessa carga de sangue, da terra, do gado, da família!

Aมาôมเด — Francisco, como é que você diz isso? Por acaso eu terei forças de continuar depois de ouvir o que você disse?

Francisco — Isso é com o senhor, comigo não. Por que me botou pra fora de casa? Desde aquele dia acabou-se o amor que eu tinha pelo que foi de seu pai! Não me importo de perder tudo sem deixar nada para os que vierem. Meu filho que se arranje, como eu tive de me arranjar.

Απτόπιο — Está bem: não tenho mais por quem lutar, então, porque também não tenho mais filho. Não vou arriscar minha vida inutilmente. O acordo está de pé? Não falo mais da trégua, falo do acordo mesmo, que você tinha proposto.

Joaquim — Está. A cerca fica onde está e eu lhe dou um pedaço de terra no baixio.

Αντόνιο — De que tamanho?

Joaquim — O que eu tinha dito, a metade da que fica para mim aqui. A terra de lá é melhor.

Aมาôมเด — Você sabe perfeitamente que não tem direito a nada, mas, como você viu, não estou em situação de recusar. Aceito.

Joaquim — Vão chamar o juiz. (Sai Gavião para a casa de Joaquim.) Bem, acho que a luta termina aqui, quanto à terra. Mas quero dizer uma coisa a todos dois: nossas famílias estão separadas para sempre.

Entram o Juiz e o Delegado, com lanternas e uma trena.

O Juiz — Bem, passemos logo ao acordo, porque, como diziam os antigos, "ubi solitudinem faciunt, pacem appellant".

Gavião — Amém.

- O Juiz *(Medindo, com o Delegado.)* Da casa de Antônio Rodrigues, Senhor das Cacimbas, à cerca em litígio, distam... hum... dez metros.
- O DELEGADO Anotado.
- O Juiz (*Idem.*) Da cerca em litígio à casa de Joaquim Maranhão, Senhor da Quixaba, distam... hum, hum... outros dez metros.
- O DELEGADO Anotado.

- O Juiz O acordo será devidamente homologado, de acordo com o que preceitua o Código Civil, desde que paguem as custas devidas pela ação antes intentada, pela atual diligência e pelos bons ofícios da Justiça....
- O Delegado ... E da Polícia....
- O Juiz ...Os bons ofícios da Justiça e da Polícia na solução do conflito, porque, como diziam os antigos, "virtus post nummos".

GAVIÃO — Amém. Que quer dizer isso?

O Juiz — A virtude vem depois do dinheiro. Entendido?

Antônio — Entendido. Agora uma coisa, Senhor Juiz: eu desejo doar tudo o que tenho à minha sobrinha Rosa, sob a condição de ela só entrar na posse de tudo depois da morte de Joaquim.

Francisco — Ele pode prejudicar minha herança assim?

O Juiz — Não.

Francisco — Está bem, era o que eu queria saber.

Joaquim — Há ainda uma coisa, doutor. Com o acordo feito, esta terra agora é minha, não é?

O Juiz — É.

Joaquim — Bem. Na frente de todos quero então avisar que, de agora em diante, quem entrar na minha terra morre na mesma hora. (Aos seus.) Vocês estão ouvindo? Quem pegar qualquer um dessa gente dentro da minha terra, atire, sem perguntar o que foi que ele veio fazer.

Αντόνιο — Eu estou pelo mesmo. Qualquer um, do lado de lá, que entrar na minha terra, seja homem ou mulher, morre.

Joaquim — É justo. Minha palavra está dada.

Αντόνιο — A minha também.

O Delegado — Vamos então proceder às medições da terra no baixio.

Saem todos, menos <u>Cícero</u> e <u>Rosa</u>. Mas <u>Martim</u>, depois de ter saído, entra novamente, esgueirando-se, sem que os outros o vejam.

Francisco — Cícero me deu o recado. Que há?

Rosa — Francisco, depressa, antes que notem nossa ausência. Meu pai vai me mandar para a Espinhara.

Francisco — Quando?

Rosa — De madrugada.

Francisco — Com a situação como está, não há outro jeito: vamos fugir.

Rosa — Não, fugida não.

Francisco — Você não confia em mim?

Rosa — Confio, Francisco, mas isso é contra a Lei de Deus.

Francisco — Não temos tempo! Onde arranjar um padre que nos casasse agora?

Cícero — Se a dificuldade é essa, eu resolvo. Vocês garantem não me envolver na história, quando Joaquim descobrir tudo?

Francisco — Claro. Você daria um jeito?

Cícero — Não, eu não! Já me arrisquei demais dando seu recado e não estou disposto a desafiar a morte desse jeito. Apenas, como vejo a decisão de vocês, tenho obrigação de evitar esse pecado, dizendo que vocês podem casar, dentro das leis da Igreja, sem o padre.

Rosa — É verdade? Sem pecado? Você jura?

CICERO — Juro, foi um padre que me ensinou. Não havendo, perto, um padre que faça o casamento, os dois chamam testemunhas, dizem que se recebem em casamento, como se fosse na Igreja, e estão casados diante de Deus. Vocês podem fazer isso, se não há outro jeito.

Rosa — Quem nos serviria de testemunha?

Francisco — Manuel e Caetano. Cícero assistiria tudo, para nos explicar como é. Você ficaria, Cícero?

Cícero — Não.

Francisco — Então eu vou roubar Rosa e o pecado cairá sobre você.

Cícero — Isso é uma violência e eu sou homem de paz e de religião.

Francisco — Então tenha coragem e ajude-nos a obedecer a Deus e à Igreja.

Cícero — Vocês juram que Joaquim nunca saberá que tomei parte nisso?

Rosa — Juramos.

Cícero — Então virei, com a condição de, depois, vocês irem procurar o padre para regularizar tudo.

Rosa — Está bem.

Francisco — Vamos para lá, então, combinarei tudo com Manuel e Caetano. Quando voltarmos, vamos ficar de olho: na primeira oportunidade, juntamo-nos aqui, cada um do lado de sua terra, e fazemos o casamento.

Saem. MARTIM sai do esconderijo. Entra GAVIÃO.

Gavião — Era Francisco?

Martim — Era. Ele está planejando alguma coisa e parece que Rosa está de combinação com ele. Marcaram um encontro aqui para depois que terminasse a medição da terra.

Gavião — Um encontro? Para quê?

Martim — Acho que é para derrubar a cerca, não ouvi direito. O melhor que temos a fazer é ficar aqui, de emboscada. Se eles tentarem alguma coisa, nós atiramos.

Gavião — Vamos arriscar-nos sem precisão. É melhor prevenir Joaquim.

Martim — Não, ele é muito esquentado! Ficando a coisa a nosso cuidado, talvez não seja preciso ir longe, enquanto que, com ele, o tiroteio é certo.

Vamos ficar nós dois. Se virmos que é mesmo alguma coisa com a cerca, damos um tiro pra cima e ele vem.

GAMÃO — Não precisa mais tantos cuidados, o acordo não está feito? Você está levando a briga mais a peito do que Joaquim, meu irmão.

Martim — Então vá embora e deixe que eu faço tudo só.

GAVIÃO — Não, você ficando eu não vou deixá-lo!

Martim — Cuidado, vem gente!

Saem. Entram Joaquim, Antônio, Francisco, Cícero, Caetano, Manuel, o Juiz e o Delegado.

O Juiz — Está tudo pronto e medido. Agora, dormir! O sono é o melhor remédio para certas ocasiões, com a cama, amante fiel sobre a qual nos deitamos, e o travesseiro, o melhor conselheiro do homem.

O Delegado — Amém, digo eu.

Antônio — Vamos, então. Nossas relações terminam aqui. Você sempre respeitou sua palavra e eu a minha.

Saem Joaquim e o Juiz, para seu lado, Antônio e o Delegado para o seu.

Francisco — Vocês não estão achando isso esquisito? Onde estão os homens de meu tio?

Thanuel — Devem ter saído. Com a conclusão do acordo, a vigilância vai afrouxar. Quando é que Rosa vem?

Francisco — O pai dela já se recolheu. Estejam preparados. Passeiem, como se estivessem de vigia na cerca. Eu e Cícero ficamos aqui.

A luz apaga-se no quarto de Joaquim. Rosa sai por trás de casa.

Francisco — Rosa!

Cícero — Bem, vamos depressa, porque quero sair daqui imediatamente.

Francisco — Manuel, Caetano! Cheguem! Logo, pelo amor de Deus!

Cícero — Ponha a mão na dele. Rosa, você aceita Francisco por esposo, diante de Deus e destes dois homens, como manda nossa Santa Mãe, a Igreja?

Rosa — Aceito.

Cícero — E você, Francisco, aceita Rosa por esposa, diante de Deus e diante desses seus dois filhos, como manda nossa Santa Mãe, a Igreja?

Francisco — Aceito.

Cícero — Vocês juram se apresentar ao padre, assim que puderem, para regularizar tudo?

Francisco — Juro.

Rosa — Eu também juro.

Cícero — Então estão casados, sejam felizes.

Sai Cícero, para a casa de Antônio. Francisco abre a porteira e Rosa passa para a terra de Antônio. Aparecem Martim e Gavião.

Martim — Estão derrubando a cerca!

Gavião — Martim, espere!

Francisco — Corra, Rosa!

 \underline{R} OSA corre em direção ao quarto de $\underline{\mathrm{Francisco}}$, que ficou com a porta aberta.

Martim — (Tentando passar a porteira.) Rosa!

Francisco — Não venha para cá não, que morre!

Martim — Rosa! Cachorro, eu vou lhe mostrar...

Passa a porteira e vai correr. Francisco atira e Martim cai. Rosa entra no quarto de Francisco.

Gavião — Martim, meu irmão!

Martim — Adeus, Gavião! Diga a Rosa que eu morro por causa dela!

Gavião — Martim! Cachorro, você o matou!

Francisco — Matei para não morrer!

GAVIÃO — Você há de pagar a vida dele!

Entram Joaquim e Antônio, armados.

Joaquim — Que foi que houve aqui?

Caetano — O primo do senhor desrespeitou o acordo. Passou a cerca armado, e Francisco matou-o.

Joaquim — É verdade, Gavião?

GAVIÃO — É.

Aมาôมเด — Assumo a responsabilidade dessa morte, ela foi feita cumprindo uma ordem minha. Porque se trate de meu filho, não, já disse que não tenho mais filho. Mas ele matou como se estivesse do meu lado. Tem alguma coisa a dizer?

Joaquim — Não, palavra é palavra. Passem o corpo para cá, quero que ele seja sepultado em terra minha.

Απτôπιο — Está bem. Caetano, Manuel, fiquem aqui na cerca. Todo cuidado é pouco.

 $\underline{\mathcal{E}}$ ntra em casa.

Francisco — Entrei também no domínio da morte. Deus sabe, porém, que não foi por minha vontade!

Gavião — Joaquim, foi para defender Rosa que Martim morreu. Ela foi roubada; esse cachorro de Francisco está com ela em casa!

Joaquim — Eu sei, quando ouvi o tiro, tive um pressentimento e fui logo ao quarto dela. Estava vazio. Eu fingi não saber, para não prevenir os outros e me vingar melhor. Ela está com o filho de Antônio Rodrigues, você disse. É o mau sangue da mãe! Chame todo mundo. A madrugada sai já: Antônio não espera o ataque e deve estar desprevenido, porque acredita que respeitarei o acordo. Mas não mantenho palavra agora, que se trata da honra de minha filha. Chame todo mundo! Diga que se escondam em redor de minha casa, porque vou tomar minha filha de volta e aquele cachorro morre hoje, de qualquer jeito!

Fim do Segundo Ato.



Terceiro Ato

- O mesmo lugar. O <u>Delegado</u> sai da casa de <u>Antônio</u> e vai até perto da casa de <u>Joaquim</u>.
- O Delegado Senhor Juiz! Senhor Juiz!
- O Juiz (Aparecendo na casa de Joaquim.) Quem é? Quem me chama?
- O Delegado Sou eu.
- O Juiz É você, Senhor Delegado? Que há?
- O Delegado Vamos embora daqui, já. A filha de Joaquim Maranhão está aqui, no quarto do rapaz.
- O Juiz Você está louco?
- O Delegado Não, vi tudo. É ela, e está no quarto, na cama do rapaz.
- O Juiz Fazendo o quê?
- O DELEGADO Brigando.
- O Juiz Brigando? Como um cavalo briga com outro, mordendo e arranhando?
- O Delegado Eles mordiam e se arranhavam, mas estavam brigando mais como um Cavalo briga com uma Poldra.

- O Juiz Que absurdo! Como foi que você viu isso?
- O Delegado Ouvi o barulho e fui olhar pelo buraco da fechadura. Já faz mais de duas horas que estão lá!
- O Juiz Tem certeza?
- O Delegado Tenho tanta que não fico aqui mais nem um minuto. Vai haver tanto tiro aqui que já estou sentindo o cheiro da pólvora. Vou aproveitar a escuridão da noite que ainda resta e vou-me embora para a sede da comarca. Que acha o Meritíssimo?
- O Juiz Acho que a prudência é a rainha das virtudes; e, uma vez que o homem da guerra foge, a Justiça acompanha.

Saem pela estrada, correndo. Antônio sai de casa, com Manuel, Caetano e Cícero.

Aมาจำนาง — Manuel! Caetano! Venham cá! (Os dois saem da casa de Antônio e vêm até ele.) Vocês ouviram? Ouvi um barulho, saí de casa, escondi-me aqui e vi o juiz e o delegado fugindo. Eles disseram aqui que Rosa está no quarto com Francisco. Vocês sabem alguma coisa? É verdade?

CAETANO — É.

Απτόπιο — Ele roubou Rosa?

Сі́сево — É melhor que ele mesmo explique.

Aมาôมเด — A mim não interessa nem ela nem ele. O que me preocupa é que, se essa mulher está aqui, pode ser que Joaquim rompa o acordo.

Majuuel — Não é possível que ele faça isso, a palavra do homem é sagrada.

Antônio — É verdade e, com toda a ruindade, Joaquim sempre foi homem de palavra. Em todo caso, é melhor prevenir. Vão para o alto do tabuleiro e, se ouvirem barulho de tiro por aqui, vocês já sabem que o acordo foi rompido. Então, derrubem a cerca.

Caetano — Não será melhor ficarmos aqui com o senhor? Já tem gente no tabuleiro.

Antônio — Gente moça, sem experiência. Quero alguém mais velho lá e é para ser vocês dois. Aqui, basto eu. Com Rosa em minha casa, Joaquim fica onde ela estiver. Assim, enquanto ele luta aqui por causa da filha, eu derrubo a cerca lá e tomo a terra que foi de meus pais. (Erguendo o rifle, de repente, armando-o.) Esperem, vem alguém do lado da cerca! Quem vem lá? Pare, senão eu atiro!

Entra <u>Invácio</u>, vagarosamente, pela estrada.

înácio — Não atire, sou eu.

Manuel — É o retirante! Você voltou?

Αυτôνιο — Que é que você vem fazer aqui?

TIMÁCIO — Ao senhor, posso dizer, uma vez que é inimigo do outro: vim vingar a morte de meu filho. Deixei a família na rodagem, debaixo de um juazeiro e vim. Mas, como não tenho rifle, vim pedir ao senhor que me arranje um, porque se eu for de faca, posso morrer antes de matá-lo.

Aมาôมเด — Eu bem que gostaria de lhe dar um rifle, mas agora não posso. Por que não me pediu logo depois que seu filho morreu? INÁCIO — Naquela hora, ele estava cercado de homens armados. Eu tinha de me fazer de conformado, pra pegá-lo desprevenido. É o que venho fazer agora.

Αντόνιο — Infelizmente, fizemos um acordo e dei minha palavra a Joaquim de não levantar o braço contra ele. Tenho que respeitar minha palavra, por mim e por meus homens.

ÎNÁCIO — Então o senhor me deixe ficar em sua casa, até que o dia amanheça.

Antônio — Isso posso deixar, contanto que você não se valha de minha casa para emboscá-lo. Assim que o Sol sair, você deixa minha casa por trás e vai para a estrada. Daí em diante, não tenho mais nada com isso, resolva o assunto entre você e Joaquim.

touácio — Está bem, aceito. Irei para a estrada, ele passará por lá, se for para o cercado. Aí, vingo meu filho, de faca, ou morro para ficar com ele.

Entra na casa de Antônio.

Antônio — Francisco! Saia, quero falar com você! (Entram Francisco e Rosa.) Saiam, já sei tudo, ouvi o delegado comentando. Quero dizer que se faço estas perguntas, é somente porque vocês cometeram um ato que põe minha vida em perigo. Não tenho nada a ver nem com você nem com a honra de Rosa. Você veio para cá porque quis?

Rosa — Vim.

Aมบิงมเง — E é capaz de sustentar isso diante de seu pai?

Rosa — Sou.

ANTÔNIO — Era isso que eu queria saber. Assim, aquele assassino não pode dizer que minha família faltou à palavra. Quanto a vocês dois, saiam de minha casa assim que amanhecer. Com você, Francisco, não tenho mais nada a ver, como já disse. Quanto a Rosa, continua a ser minha sobrinha, mas em minha casa, até o dia de hoje, só pisaram mulheres honradas.

Francisco — Rosa é tão honrada quanto minha mãe!

Aมาôมเด — Cale-se, desgraçado! Diga outra vez uma coisa dessa e mato você como quem mata um cachorro!

Francisco — Ela casou-se comigo antes de vir. Cícero está aí e pode servir de prova!

Αντόνιο — É verdade, Cícero?

Cícero — É, Antônio. Só falta o padre regularizar tudo. Mas quanto às leis de Deus e da Igreja eles estão tão casados quanto você.

Aมาôมเด — É o que importa, o resto é secundário. É verdade, então! Deus seja louvado! Rosa, minha filha, peço-lhe que me perdoe!

Rosa — Meu tio!

Aมาôมเด — (Abraçando-a.) Minha filha! É pena que seu casamento tenha se dado nessas condições. Mesmo assim, Deus abençoe você!

Francisco — Meu pai, peço-lhe também que me perdoe tudo, o rancor com que cheguei e algumas das coisas que lhe disse! Uma coisa, porém, eu quero explicar: quando eu disse a meu tio que se fosse dono da terra faria o acordo com ele, estava apenas fingindo. Eu já desejava ficar a seu lado e casar com Rosa e foi para desviar a atenção dele que me fingi de ambicioso. Foi por isso que eu disse aquilo. Isso porém não atenua o outro

fato, o ressentimento com que cheguei. Tudo me parecia trancado e duro, nesta terra em que o Sol seca tudo. Mas agora, com Rosa, parece que meu coração se desatou. Peço-lhe que me abençoe também e me deixe ficar do seu lado, se a briga recomeçar, seja pela terra, seja por nossa causa.

Απτôπιο — Meu filho, seja abençoado o nome de Deus por essa alegria que Ele me dá! E que Ele abençoe vocês dois e nos traga muitos filhos, conservando-nos juntos por mais algum tempo, para que eu possa vê-los e abençoá-los, como faço a vocês.

Francisco e Rosa — (De joelhos.) Amém.

Cícero — Bem, eu vou-me embora, enquanto a briga não começa. Talvez Joaquim queira me matar, por causa do casamento. Adeus, Antônio.

Antônio — Adeus, Cícero.

Cícero — Adeus, Rosa, adeus, Francisco! Sejam felizes.

Francisco — Adeus, Cícero. E Deus lhe pague o que fez. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Cícero — Para sempre seja louvado o Seu santo nome!

Sai pela estrada.

Απτόπιο — Agora, é preciso todo cuidado, meus filhos! Mas creio que não há nada a temer: nós não faltamos com nossa palavra. Espero que seu pai cumpra a dele. Joaquim sempre foi homem de honra.

Francisco — Temos certeza de que ele cumprirá.

Αυτόνιο — É preciso prevenir sua mãe de tudo. Eu vou.

 \mathfrak{E} ntra em casa.

Francisco — Rosa, meu amor! Você sofreu muito?

Rosa — Um pouco! Mas, ao mesmo tempo, me sentia muito feliz, por sua causa.

Francisco — Eu me senti tão bruto! Mas, d'agora em diante, você também será feliz. Temos muito tempo à nossa frente!

Rosa — Será que temos mesmo, Francisco?

Francisco — Você acha que não? Está com algum pressentimento?

Rosa — Não.

Francisco — Você acha que seu pai vai faltar à palavra?

Rosa — Acho que não.

Francisco — Você fala com um jeito tão triste... Está magoada comigo?

Rosa — Não, nunca! Nunca mais me esquecerei desta noite!

Francisco — Nem eu. Com a janela aberta, eu sentia o cheiro do mato! Você sentiu?

Rosa — Não sei.

Francisco — A madrugada está alta, mas mesmo assim, estava muito escuro, e a noite cheirando muito. A terra daqui é cheirosa, principalmente de noite. Era disso que eu sentia mais falta, quando estava longe. Rosa! Ah, se você tivesse um filho! Será que o que aconteceu hoje já dá?

Rosa — Não sei, acho que não. Eu não sei nada sobre isso, mas você me ensinará.

Francisco — Você foi feita para ter filhos, pelo corpo a gente vê. Quando foi a última vez...

Rosa — O quê?

Francisco — Que seu sangue se abriu, que você teve sangue?

Rosa — Não sei, acho que foi há uns dez dias.

Francisco — Dizem que é o tempo melhor para engravidar, mas depende também da lua, e a lua hoje foi boa. Cícero benzeu você com água nova e folhas de manjericão. Isso é bom.

Rosa — Mas quando meu pai descobrir, Francisco?

Francisco — Ele vai descobrir de qualquer jeito, assim é melhor que seja logo. Assim que o sol nascer, ele vai sentir sua falta. Mas terá que se conformar: depois do que aconteceu, você tem que ficar comigo, senão fica desonrada. E meu tio, sabendo que nós casamos, não se importará. Em último caso, mesmo que não concorde, ele terá de respeitar a palavra que deu.

Rosa — (Temerosa de repente.) Que foi isso?

Francisco — Não sei. Você ouviu alguma coisa?

Rosa — Ouvi assim um sussurro, como um gato andando! Ah, meu Deus, meu pai vem aí, tenho certeza! Entre, venha, Francisco!

Francisco — Mas Rosa, você está aterrorizada!

Rosa — Francisco, eu lhe peço por tudo quanto é sagrado que não fique aqui, agora! Venha comigo, pelo amor de Deus!

Francisco — Está bem, vamos!

Entram no quarto de Francisco. L'nocência sai por outra porta e vai até a cerca.

INOCÊNCIA — Joaquim! Joaquim! Donana!

Entram Donana e Joaquim.

Joaquim — Não passe a porteira não que morre! Que é?

Inocência — Quero falar com você, Joaquim. Você já sabe o que houve entre Francisco e Rosa?

Joaquim — Já!

thocência — Eu vim para lhe dizer que não houve pecado entre eles, meu irmão. Antes de Rosa vir para cá, casou-se com Francisco.

Donana — Louvado seja Deus por isso! É verdade, Inocência?

trocêrcia — É, Cícero casou os dois de um jeito que o padre ensinou a ele para quando não houvesse possibilidade de casar de outro modo. Rosa queria vir e veio porque quis. Mas disse a Francisco que só iria com ele casada. E meu filho obedeceu a ela.

Donana — (Súplice.) Joaquim!

Joaquim — (Brutal.) Que é que você quer?

Donana — Deixe a menina em paz! Ela não casou, não obedeceu à Lei de Deus? Francisco é seu sobrinho e agiu dentro da honra e da religião. Vivi com a mãe dela o tempo todo, aqui. Depois criei Rosa também. Durante esse tempo todo, nunca lhe pedi nada. Peço agora: deixe Rosa viver em paz com Francisco!

Joaquim — Ela não tinha tudo em casa? Para que quis ir embora?

Donana — É a Lei de Deus também, deixar pai e mãe para seguir o marido. Não se pode viver como filho o tempo todo.

Joaquim — Aqui ela tinha tudo! Ela gostava do mato, e tinha o mato. Era uma moça esquisita, eu nunca reclamei. Ela gostava do gado, e eu tinha gado para ela!

Inocência — Mas ela casou! Isso não muda tudo?

Joaquim — (Despertando, com os dentes cerrados.) É verdade, isso muda tudo.

thocência — Do lado de cá, todos nós mantivemos a palavra. Ela veio porque quis. Se você quiser, eu chamo Rosa para dizer isso aqui, na sua frente.

Joaquim — Não, não quero mais ver Rosa, nunca mais! Quanto à palavra de vocês, acredito. Ela sim, foi quem me traiu. Assim, minha palavra está dada e podem confiar. Mas não quero mais vê-la. Nem quero relações com vocês, como aliás já tinha dito.

INOCÊNCIA — Está bem. Vou comunicar a Antônio e a Francisco que você mantém sua palavra. Isso já é muito para nós. Espero que, um dia, essa separação de terra e de família desapareça.

Joaquim — Você faz bem, em esperar! (Inocência entra em casa.) Você sabia que Rosa ia embora daqui?

Donana — Não! Mas se soubesse, não teria feito nada para impedi-la.

Joaquim — Está bem, não me interessa o que você faria ou não, o que me interessa é o que ela fez. Entre!

Donana — Você fica?

Joaquim — É preciso vigiar a cerca. Entre você!

Donana — Quando o dia amanhecer, tomo meu destino. Não tenho mais o que fazer aqui!

<u>Donana</u> entra na casa de <u>Joaquim</u>. Entra <u>Gavião</u>, como quem estava escondido.

Joaquim — Você ouviu tudo?

Gavião — Ouvi. Você vai manter a palavra?

Joaquim — Quanto à terra, sim. Mas minha filha estava fora do que jurei. E mesmo que não estivesse, não tenho palavra quando se trata dela. Você fica do meu lado?

GAVIÃO — Fico.

JOAQUIM — Até o fim?

Gavião — Até o fim. Agora que mataram meu irmão, tenho que vingá-lo de qualquer jeito.

Joaquim — Então está bem. Vamos ficar ali, escondidos. Quando chegar a hora de agir, eu aviso!

Escondem-se. Entram Antônio, Francisco e Rosa.

Απτôπιο — Está vendo? Não há ninguém, os homens de Joaquim desapareceram. Estou desconfiado disso. Vou buscar Caetano e Manuel no tabuleiro, é melhor que eles fiquem por cá. Você fique aqui, vigiando, enquanto saio. Mas tenha cuidado, todo cuidado é pouco.

Francisco — Meu pai!

Αντôνιο — Que é?

Francisco — Se houver briga, estou de seu lado. E agora, é para nunca mais!

Aมาôมเด — Eu sei, meu filho, e sei que devo isso a Rosa. Agora tenho coragem para tudo, de novo.

Francisco — Se me acontecer alguma coisa, quero que o senhor tome conta dela. E de meu filho, se aparecer algum.

Αντôνιο — Está bem. Até já.

 \underline{S} ai. \underline{G} AVIÃO, por trás de \underline{F} RANCISCO e \underline{R} OSA, sem ser visto por eles, joga uma pedra para dentro da casa de \underline{A} NTÔNIO.

Rosa — Que foi isso?

Francisco — Parece que foi lá em casa. Será que estão atacando por trás? Vou ver!

Rosa — Meu Deus, Francisco! Você está armado?

Francisco — Não.

Rosa — Pegue o rifle, na sala!

Francisco corre para casa. Ganão e Joaquim saem do esconderijo. O primeiro pula a cerca e vai se aproximando de Rosa por trás, ao mesmo tempo que Joaquim surge diante dela, que, aterrorizada, não dá uma palavra.

Joaquim — Rosa, não tenha medo. Vim somente para falar com você, porque não acredito no que estão dizendo. Disseram aqui que você tinha ido para a casa daquele cachorro, como uma cachorra no cio. Mas eu só acredito se ouvir isso de você mesma. É verdade?

Rosa — É verdade, mas eu juro por Deus, meu pai, que vim casada!

Joaquim — Para mim não faz diferença.

Rosa — Então, de acordo com o que foi jurado pelo senhor e por meu tio, quero ficar aqui e espero que o senhor respeite a terra de Francisco, de acordo com a palavra que deu.

Joaquim — (Vendo que Gavião já vai segurá-la.) Se fui eu que dei, eu mesmo posso tirar. Não tenho palavra quando se trata de ver minha filha transformada numa égua! Agora, Gavião!

Gavião, por trás de Rosa, passa-lhe um lenço na boca, amordaçando-a. JOAQUIM passa rapidamente pela porteira, domina a filha e leva-a para o alpendre de sua casa. Chegando lá, retira a mordaça. Rosa, sem pensar no que está fazendo, grita pelo marido, que ocorre.

Rosa — Francisco! (Lembrando-se de que o está chamando para a morte.)
Não, não! Volte, Francisco!

Joaquim — Gavião, ela deve ficar na sala! Aponte o rifle para a cabeça dela!

GAVIÃO leva Rosa para o interior da casa, com o rifle apontado para a cabeça dela.

Francisco — (Da cerca.) Covarde! Você me paga essa!

Joaquim — Quem vai me pagar é você! Solte o rifle, senão Rosa morre agora mesmo. Se você resistir, o primeiro tiro é na cabeça dela, dei ordem para isso a Gavião e você sabe que ele obedecerá por causa da morte do irmão. Você está só aí, eu estava escondido e ouvi tudo. Sua casa está cercada por meus cabras, você não tem por onde escapar.

Francisco — O que é que você pretende com isso?

Joaquim — O que é que eu pretendo? Você ainda pergunta, cachorro? Eu não lhe disse que não tocasse na minha filha?

Francisco — Ela já é minha mulher!

Joaquim — Ela não é mulher de cachorro nenhum, porque, mesmo que fosse, você vai morrer, Francisco. Vou matá-lo por causa do que vocês fizeram! Mas vou fazer tudo isso ainda por cima tomando a terra de vocês, como já tomei. Antônio não vai poder dizer que faltei à minha palavra.

Francisco — A sua palavra! Agora sei quanto ela vale! Você é um traidor, um homem sem honra! Como é que você ainda tem a falta de vergonha de falar em palavra, quando tirou Rosa daqui?

Joaquim — Eu não tirei, ela veio porque quis! O que fiz, foi prendê-la, mas já depois que ela estava na minha terra!

Francisco — Mentira sua! Para que ela iria aí?

Joaquim — Veio pedir que eu a perdoasse e não matasse você. Quando soube, por mim, que isso era impossível, quis correr de volta. Mas aí, era tarde. Ela já estava na minha terra e eu a prendi em casa, exercendo meu direito. Foi aí que você veio. Minha palavra está de pé. Mas agora, é ou ela ou você!

Francisco — Que é que você pretende?

Joaquim — Matá-lo, já disse. Mas matá-lo sem perigo, nem para mim, nem para a terra. Você passa a porteira, desarmado, e, aqui, na minha terra, vou matá-lo. Antônio Rodrigues não terá nada a reclamar, não vou dar a ele o gosto de vingar o filho tomando a terra de volta.

Francisco — E se eu não obedecer?

JOAQUIM — Bem, aí Rosa morre. Ela já está desonrada, para mim tanto faz, é até melhor morta, porque não fica essa vergonha me olhando a toda hora. Assim, escolha, porque a hora chegou.

Francisco — Se eu obedecer, você garante a vida dela?

Joaquim — Garanto.

Francisco — E se ela tiver um filho meu, você jura que deixa os dois irem para a casa de meu pai?

Joaquim — O filho sim, não quero seu sangue na minha casa. Mas ela, não, vai ficar comigo.

Francisco — Não tenho para onde fugir, aceito. Mas quero me garantir de que você vai cumprir mesmo a palavra. Você vai deixar que eu fale com Rosa.

Joaquim — Você jura que não tentará tomá-la de mim?

Francisco — Eu já dei minha palavra, pode ficar descansado. Quero somente me despedir dela. Mas se Rosa entender que fizemos uma troca, que é minha vida pela dela, não aceita. É melhor que eu diga outra coisa. Você então confirme o que eu disser.

Joaquim — Para mim, quanto mais fácil correr tudo, melhor. Você dá sua palavra de que não resiste?

FRANCISCO — Dou.

Joaquim — Então pode vir para cá. Tire as balas do rifle.

Francisco — Primeiro, mande trazer Rosa.

Joaquim — É justo. Mas o primeiro movimento que você fizer, eu atiro nela. Assim que eu deixar Rosa ir para perto de você, você esvazia o rifle. Está certo?

Francisco — Está.

Joaquim — Muito bem. Agora venha. (Francisco passa a porteira e vai para o lado da terra de Joaquim.) Fique ali, junto da cerca, perto da estrada. Eu quero falar com Rosa antes de você, preciso me prevenir. Você vai dizer a ela que vai embora de novo para o lugar de onde veio.

Francisco — Está bem.

Joaquim — Gavião, traga Rosa. (Gavião obedece.) Vigie Francisco, não deixe que ele se aproxime daqui de jeito nenhum! Cuidado, ele está armado.

Gavião — Está bem.

Leva Francisco para o fundo da cena. Joaquim desamordaça Rosa.

Rosa — Francisco!

Joaquim — (Segurando-a.) Não deixe os dois se aproximarem. Se você desobedecer...

Francisco — Eu já dei minha palavra!

Mantém-se no fundo da cena.

Joaquim — Rosa, eu quero falar com você. Fiz um acordo com Francisco.

Rosa — Eu já conheço seus acordos, meu pai.

Joaquim — Você está vendo Francisco armado e em minha terra? Se eu quisesse matá-lo, já tinha direito a isso, porque ele passou a cerca.

Rosa — Estou vendo.

Joaquim — O que acontece é que resolvi pensar melhor, a respeito do casamento de vocês dois. Fiz então uma proposta e ele aceitou. Francisco vai voltar para o lugar de onde veio, enquanto eu me informo com o padre se esse casamento está certo mesmo. Se estiver, eu deixo você viver com ele. Em troca, a terra fica para mim, ele me garantiu arranjar tudo de uma vez com Antônio Rodrigues. O que me interessa mesmo é a terra, o que interessa a Antônio é Francisco, o que interessa a Francisco é você. Com isso, não será difícil chegarmos a um acordo.

Rosa — É verdade? É verdade o que você está me dizendo, meu pai?

Joaquim — Francisco mesmo vai lhe dizer isso, agora! Mas tem uma coisa, Rosa: eu tive um momento de irreflexão e desrespeitei minha palavra. Se os outros souberem disso, estarei desonrado para sempre. Você quer ver seu pai, seu sangue, com essa vergonha para o resto da vida?

Rosa — Não.

Joaquim — Eu lhe juro que essa foi a primeira e última vez que isso acontece. Mas se Antônio e Francisco souberem que isso aconteceu, vai tudo d'água abaixo: nem seu casamento mais poderei fazer, porque eles não

acreditarão mais em mim. Só quem sabe do que aconteceu é você. Gavião também, mas é outro interessado em não dizer nada. Você jura, em nome de Deus, não dizer nada a Francisco?

Rosa — O senhor deixa eu viver com ele, meu pai?

Joaquim — Deixo. Não tinha criado você para isso, mas, se não tem outro jeito, deixo.

Rosa — Então eu juro. Mas eu queria ouvir isso de Francisco.

Joaquim — Foi para isso que eu chamei você. Pode ir falar com ele.

Rosa encaminha-se para Francisco, que esvazia a carga do rifle e vem a seu encontro.

Francisco — Rosa!

Rosa — É verdade o que meu pai me disse? Você vai embora?

FRANCISCO — Vou.

Rosa — Meu pai disse ainda que, quando você voltasse, ele deixava eu viver com você, se o casamento fosse aprovado pelo padre. Você fez, mesmo, esse acordo com ele?

FRANCISCO — Fiz.

Rosa — Quando é que você vai embora?

Francisco — Vou agora mesmo.

Rosa — Por que tão depressa?

Francisco — Foi seu pai que exigiu. É melhor assim; nós esperamos um pouco e depois ficamos juntos para o resto da vida, sem termos que brigar a vida toda contra ele.

Rosa — Francisco! Você, me deixar agora!

Francisco — Escute o que vou dizer, Rosa, e não se esqueça nunca do que ouvir. Nós tivemos tudo. Tem gente que passa a vida toda esperando o que nós tivemos e nunca consegue. Eu tive você e você me teve. Se você estiver grávida, a terra vai ficar para o menino, já que não pode ficar para nós.

Rosa — Não pode ficar para nós? Por quê? O que é que você quer dizer?

Francisco — Nada, somente isso mesmo que disse. Seu pai não vai renunciar à terra agora, por isso eu falei desse modo. Quanto a mim, vou-me embora.

Rosa — Eu quero ir com você.

Francisco — Não pode ser não, Rosa, eu prometi a seu pai.

Rosa — Foi tão pouco o tempo que nós tivemos, Francisco! Você me chamou e eu vim. Mas nós falamos tão pouco um com o outro, eu fui sempre tão calada! Agora, você vai embora de novo! Para onde?

Francisco — Eu vou voltar para o Circo, vou viajar de novo. Você cuida de meu filho, se ele nascer?

Rosa — Cuido. Mas você vai demorar tanto assim?

Francisco — Talvez, não sei. Se eu puder, volto antes. Adeus, Rosa.

<u>A</u>braçam-se e beijam-se.

Joaquim — Acabem com essa cachorrada aí!

Francisco — Entre em casa, Rosa! Agora! De outra forma não terei coragem de ir.

Rosa — Não, você está falando de um jeito tão triste!

Francisco — Vá, sem se voltar, peço isso como você me pediu há pouco: por tudo quanto é sagrado.

Rosa — Está bem, eu vou!

Francisco — Por favor, não olhe para trás. Você jura que não olha?

Rosa — Juro.

Francisco — Então vá. E, se estiver grávida, se meu filho nascer enquanto eu estiver fora, você diga a ele...

Rosa - 0 quê?

Francisco — Nada! De qualquer forma, eu não teria tempo de dizer o que quero. Adeus, Rosa!

Rosa — Adeus.

Entra na casa de Joaquim.

Joaquim — Agora me dê o rifle.

Francisco — Está aí. Vai ser agora?

Joaquim — Vai.

Francisco — Onde?

Joaquim — Aqui mesmo.

Francisco — Tenho um pedido a lhe fazer.

Joaquim — O que é?

Francisco — Quero rezar antes de morrer e quero ser enterrado na cacimba que mandei cavar.

Joaquim — Está certo, digo isso a seu pai. Bem, agora você está desarmado e posso lhe dizer que você vai morrer em vão, se é que morre por causa de Rosa e do filho que ela possa ter. Não quero seu sangue na minha casa, Francisco. Assim, é melhor que não nasça menino nenhum, porque se ele nascer, morre no mesmo dia. E saiba também que tirei Rosa de sua terra à força. Não tenho palavra para um cachorro, que transformou minha filha numa égua!

Francisco — Cachorro!

 \underline{S} alta sobre ele.

Gavião — Cuidado, Joaquim!

Atira em Francisco, que cai no chão. Joaquim, por trás de Gavião, atira nele.

GAVIÃO — Você, amaldiçoado!

Joaquim — O que eu fiz não pode ter testemunhas. Adeus, Gavião!

<u>D</u>á-lhe outro tiro e ele morre. <u>Αντôνιο</u> entra, correndo, com <u>Caetano</u> e <u>Manuel</u>.

Aมาôมเด — Que foi que houve aqui? Francisco! Meu filho!

Joaquim — Rosa quis voltar para casa, Antônio Rodrigues, e seu filho invadiu minha terra para retomá-la. Gavião correu para impedi-lo e Francisco matou-o. Eu então atirei em Francisco.

Aมาôมเด — Meu filho, por que você fez isso? la começar tudo agora!

Joaquim — Ele pediu para ser enterrado na cacimba que mandou cavar. Veja que atirei nele garantindo minha terra e minha vida. Você garante a minha?

Antônio — Minha palavra está de pé, como sempre esteve.

Joaquim — Então, podem vir buscar o corpo dele. Você consente que Gavião seja enterrado com ele?

Antônio — Se você me pede isso como coisa de religião, consinto: Gavião foi morto por Francisco, foi morto como homem, cumprindo a obrigação dele. Mas se você puder dispensar, peço que dispense: quero esse pedaço de terra só para meu filho.

Manuel — Deixem tudo por minha conta, eu me encarrego de enterrar os dois. Francisco fica no lugar dele e fica só.

Aมบิงมเง — Onde está Rosa? Quero falar com ela.

Joaquim — A situação é a mesma que lhe disse, não quero relações de vocês nem comigo nem com minha família. Rosa voltou para casa porque quis e aqui há de ficar. Agora que ela está viúva, não tenho que prestar contas dela a ninguém. Com Francisco morto, é como se ela nunca tivesse deixado de estar solteira. E é no seu quarto de solteira que ela há de ficar.

Αυτόνιο — E se Rosa tiver um filho, Joaquim?

Joaoum — Aí é diferente, você pode ficar com ele. Faço questão disso, não quero esse menino em minha casa de jeito nenhum. Mas até esse nascimento — se é que ele vai haver — você não bota os olhos em cima de Rosa. Nem você, nem ninguém mais neste mundo.

Antônio — Está no seu direito, ela é viúva e voltou para sua casa.

Joaquim — Então, mais uma vez, adeus. Espero que nossa palavra seja suficiente para garantir a paz e a terra.

Αντόνιο — A minha palavra está de pé, como sempre esteve, Joaquim. Quanto a isso, a morte de meu filho não altera nada.

Entra em casa. Joaquim entra na sua. Caetano e Manuel começam a preparar o enterro de Francisco, depois de terem levado o corpo de Ganão para fora de cena.

Caetano — Coitado de Francisco, tão moço e morrer assim! Quem diria que a cacimba que ele mandou abrir com tanto gosto serviria de cova para ele? Assim é a vida. Os pais, coitados, é que vão sofrer!

Manuel — E Rosa, Rosa principalmente.

Caetano — Ela? Acho que não. Não voltou para a casa do pai? Foi ela quem matou Francisco, pode-se dizer.

Manuel — Cale a boca, a mãe dele vem aí.

Entram Αυτόνιο e Ινος ένςια.

thocência — Francisco, meu filho! Tão moço, tão bonito!

Αυτόνιο — Deixe, é preciso acabar o enterro.

thocência — Criei meu filho. Um dia, ele foi embora, pela estrada. Eu não disse nada, plantei meu roçado: era dia e noite cavando a terra. Agora, ele vai para a terra e estou sozinha de novo!

Antônio — Venha rezar, mulher!

MADULL — Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres, bendito é o fruto de vosso ventre, Jesus.

1πος επτόπιο — Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte, amém.

Caetano — Seu Antônio! Patrão!

Antônio — Que é?

Caetano — Venha cá, perto da cerca, ver uma coisa!

Απτόπιο — Que há?

Caetano — Avistei o rifle de Francisco e puxei-o para o lado de cá. Está descarregado!

Aมาôมเด — O quê, Caetano? Que é que você está me dizendo? Deixe ver! É verdade!

Caetano — Seu Joaquim Maranhão não disse que ele passou a cerca e matou Gavião?

Αντόνιο — Foi!

Caetano — Como pode ter sido, se o rifle está descarregado? Será que só tinha uma bala e a casca saltou fora?

Aมาôมเด — Não, não pode ter sido assim, porque eu mesmo carreguei esse rifle! Coloquei a carga toda!

Саєталю — Então Seu Joaquim mentiu, houve aqui alguma trapaça!

Aมาôมเด — Fogo do inferno! Fale baixo, para minha mulher não ouvir! É preciso saber o que aconteceu. Rosa deve saber alguma coisa, foi por isso que ele resolveu prendê-la para o resto da vida. Joaquim disse aqui que Rosa ia ficar enterrada no seu quarto de solteira. Você sabe qual é esse quarto?

CAETANO — Não, mas ouvi Rosa e Francisco dizendo que tinham olhado um para o outro, ele no quarto dele e ela no dela.

Αντόνιο — Então é esse quarto aí da frente. É preciso tirar Rosa de lá.

Caetano — Se o senhor quer, eu vou agora mesmo!

Antônio — Não posso dar esta ordem, dei minha palavra de respeitar a terra e a casa dele, por mim e por meus homens.

Caetano — Seu Joaquim não respeitou a dele.

Antônio — Nós ainda não temos certeza. Francisco pode ter feito qualquer mudança na carga do rifle e eu sou um homem de honra, Caetano. Só quando tiver certeza de que Joaquim faltou à palavra dele é que posso fazer uma coisa dessas. Antes, não. Nem eu nem vocês podemos entrar na terra dele.

Caetano — Um momento, patrão! Acho que existe um jeito de soltarmos Dona Rosa, sem faltar a nossa palavra.

Antônio — Qual é?

Caetano — É por Inácio, o retirante! Ele não deu a palavra nem o senhor deu por ele, porque é de fora e não tem nada conosco. A briga dele é outra!

Aมบิงมอ — É verdade, Caetano! Se tudo der certo, ficarei seu devedor para o resto da vida. Vá buscar o retirante.

Caetano entra na casa de Antônio.

luocência — Pobre de meu filho!

Aมาôมเด — Não se incomode não, minha mulher! O assassino dele vai pagar essa morte!

ETROCETICIA — Pagar! Pagar como? O sangue de meu filho já está na terra e eu estou sozinha de novo! Agora, é voltar a trabalhar. Mas como é que vou viver agora? Ninguém pode mais me pagar nada. O sangue de meu filho não tem preço que pague, seja ouro, prata ou diamante.

Antômo — Mas tem o sangue, igual ao dele, que pode também molhar a terra! (Entram Caetano e Inácio.) Ah, Inácio, você vem aí. Quando você me procurou, há pouco, não pude atender a seu pedido, como lhe disse, porque estou com a palavra empenhada. Agora, porém, surgiu uma oportunidade de me libertar dessa palavra. Se sucedeu o que estou pensando, estou livre: não só lhe darei o rifle que você pediu, como ajudarei você a matar Joaquim. Você quer tentar?

livácio — Quero.

Αντôνιο — É coisa muito arriscada!

Invácio — Joaquim Maranhão matou seu filho e o meu. O seu, era homem feito, ainda podia se defender, o meu era um menino. O que me aparecer e me ajude a me vingar é bom!

Antônio — Então vou lhe explicar: daqui, você é a única pessoa que pode entrar na terra dele, porque não deu sua palavra. Eu estou desconfiado de que Joaquim faltou à dele e matou meu filho à traição. Mas a única pessoa capaz de esclarecer se isso realmente aconteceu está ali, trancada naquele quarto, e é preciso soltá-la.

livácio — Quem é?

Αντόνιο — Rosa, a mulher do meu filho.

Inácio — A filha de Joaquim Maranhão?

Aมาôมเด — Sim, é ela, mas se houve o que estou pensando ela está do nosso lado e contra o pai.

Inácio — Que é que devo fazer?

Aมาôมเด — Você terá que passar a cerca e abrir a janela do quarto, trazendo Rosa para cá.

linácio — Está bem. O senhor me dá o rifle?

ANTÔNIO — Aí é que está o pior, porque se eu lhe der o rifle antes de sabermos tudo, estou quebrando minha palavra. Só Rosa pode me dar certeza de que Joaquim quebrou a dele. E só depois de ter certeza é que posso armar você.

touácio — Está bem, ali tem um ferro que serviu para abrir a cacimba. Não é para me defender, é para abrir a janela. Eu vou, mesmo desarmado.

Aมาôมเด — Veja bem, não estou pedindo a você que vá, não tenho esse direito. Você vai arriscar sua vida desarmado. Não sei se eu mesmo teria

coragem de ir assim.

to Acto — Mas eu vou. Vim aqui para vingar meu filho e, se o caminho que aparece é este, eu sigo por ele.

Αντôνιο — Então vá e que Nossa Senhora proteja você.

ÎNÁCIO pega uma alavanca perto da cova de FRANCISCO e passa a cerca, com os outros escondidos. Chegando à janela do quarto de Rosa, começa a arrombá-la. Acende-se e logo se apaga uma luz na casa de Joaquim.

CAETANO — Inácio, cuidado!

Todos correm e escondem-se atrás das paredes da casa de <u>Αντόνιο</u>. <u>Ινάςιο</u>, que ouviu o aviso, faz o mesmo na de <u>Jοαουίπ</u>. <u><u>Ρονανα</u> aparece no terraço.</u>

Manuel — É Donana!

thocência — Ah, meu Deus, ele vai matá-la! Donana! Donana, volte! Entre em casa!

Donana — Quem está aí?

Învácio, por trás dela, tapa-lhe a boca e dá-lhe uma pancada na cabeça.

Απτôπιο — Não, não, Inácio! Donana! Meu Deus! Traga a mulher aqui, Inácio.

Ινος εντια — Donana! Está morta?

Manuel — Não, a pancada foi pequena.

Αυτόνιο — (A Inácio.) Não há tempo a perder, volte imediatamente!

Îwácio volta e continua a arrombar a janela.

ÎNOCÊNCIA — Donana!

Donana — Ai!

Αντôνιο — Está tornando! Silêncio, Donana, não faça barulho!

Donana — Quem é?

Αυτôνιο — É Antônio. Estamos tentando soltar Rosa do quarto dela.

Donana — Rosa? Louvado seja Deus!

Manuel — A janela se abriu.

limácio — Dona Rosa!

Rosa — (Aparecendo.) Quem é?

Aมาôมเด — (Da cerca.) Rosa, é Antônio. Venha para cá, minha filha!

Rosa — (Obedecendo.) Francisco! Onde está ele?

Aมบิงมเง — Francisco está morto, Rosa! Nós o enterramos ali.

Rosa — Eu sei, foi meu pai!

Aπτôπιο — Rosa, somente você viu o que se passou aqui. Você viu Francisco morrer?

Rosa — Não, ele me mandou entrar em casa. Mas ouvi os tiros! Meu Deus! Francisco!

Aมาôมเด — O rifle dele estava descarregado, minha filha! Como pode ter sucedido isso?

Rosa — Estava descarregado? O rifle? Então era isso! Agora eu compreendo tudo, o que Francisco me disse, o que me mandou fazer, porque obedeceu em tudo a meu pai! Meu pai faltou à palavra, meu tio! Passou a cerca, entrou na sua terra com Gavião e me tirou daqui à força. Quando Francisco quis reagir, disse que atirava na minha cabeça. Foi aí que Francisco deve ter descarregado o rifle e passado a cerca. Coitado, queria me convencer para que eu não morresse! Quando eu voltei, Francisco, certamente combinado com meu pai, me disse que ia ficar vivo! Ah, Francisco, por que você fez isso? Ele sabia que, se não dissesse assim, eu não aceitaria!

Αντôνιο — Mas Francisco não lutou, não reagiu! Ele tinha todo direito, já que Joaquim tinha faltado à palavra!

Rosa — A culpa foi minha, posso dizer que matei Francisco! Eu me calei, não disse a ele que meu pai tinha me tirado à força, que tinha faltado à palavra! Meu pai me prometeu concordar com meu casamento, disse que deixaria eu fazer minha vida com Francisco, se eu não dissesse a ninguém que ele tinha faltado com a palavra. Eu acreditei em meu pai e me calei! Meu Deus, foi isso que matou Francisco!

ANTÔNIO — Não, minha filha, foi aquele desgraçado! Você não teve culpa, nem Francisco, nem eu! Quem podia imaginar que Joaquim faltasse à lei sagrada da palavra? Eu teria acreditado! Não admira que você, filha dele, acreditasse um pouco mais do que nós! Mas o que está feito, está feito! Era isso o que eu queria saber, e agora posso me vingar. Manuel! Caetano! Vamos juntar lenha e queimar essa casa amaldiçoada!

Rosa — É perigoso, meu tio! Meu pai tem mais gente do que o senhor, eu sei!

Antônio — Não posso pensar nisso, agora, o sangue de meu filho cairia sobre minha cabeça!

Rosa — E sobre a minha também! A morte dele quem vai vingar sou eu, meu tio. O senhor venha para cá e se esconda. Eu vou voltar para o lado de lá e chamar meu pai. Enquanto ele se informa de como eu saí do quarto, o senhor pode matá-lo.

ÎNOCÊNCIA — Minha filha...

Rosa — Deixe, quero vingar a morte de Francisco!

Donana — Joaquim mata você, minha filha!

Rosa — Que é que eu tenho a perder, agora que Francisco está morto? Eu vou!

Απτôπιο — Está bem, vamos!

Inácio — Senhor Antônio Rodrigues, o senhor vai me perdoar, mas quem vai sou eu!

ANTÔNIO — Não!

traácio — Eu já estou com meu rifle e não estou pedindo isso ao senhor não, estou dizendo que vou! Quem vai matar Joaquim Maranhão sou eu.

Αντόνιο — Você fica, quem vai sou eu!

to Acio — Meu filho morreu primeiro do que o seu, eu estou na frente. E se o senhor se meter, morre!

Aมาôมเด — Saia da frente, meu filho! Você é muito mais moço do que eu e está vivo. Não se meta com um morto, que só está ainda no mundo para se vingar. Já estou no fim da vida, e não terei nada mais para mim senão essa morte.

Invácio — E eu terei outra coisa? Eu que nunca tive nada?

Antônio — Está bem, vamos então os dois. Você ficará encarregado da parte mais importante, que é a de emboscar Joaquim pelas costas. Vocês fiquem aqui, de olho. Está pronta, Rosa?

Rosa — Estou, meu tio! Francisco, eu vou vingá-lo!

Απτôπιο — Pois é a hora, vamos!

Passam a cerca Rosa, Antônio e Inácio. Rosa posta-se junto da janela. Os outros dois escondem-se.

Rosa — Meu pai! Meu pai! Socorro!

<u>Joaoum</u> sai de casa, correndo, com um rifle.

Joaquim — Rosa! Que é isso? Que houve? Você saiu?

Rosa — Arrombaram a janela!

Joaquim — Quem foi?

Rosa — Não sei, estava deitada, quando ouvi um barulho e a janela se abriu.

ÎNÁCIO, que tem vindo por trás, salta sobre JOAQUIM e desarma-o, ao mesmo tempo que ANTÔNIO aparece com o rifle apontado.

Joaquim — Rosa! Você me traiu, desgraçada!

Rosa — Não, meu pai, o que fiz foi vingar meu marido! Foi assim que o senhor o matou!

Antônio — Você está perdido, Joaquim! Achei você agora, depois de ter me desencontrado muito tempo. E achei meu filho também, aqui, morto como um cachorro, sem poder se defender. O rifle estava sem balas, ele morreu desarmado. O mesmo vai lhe acontecer agora.

Joaquim — Você passou a cerca e faltou à palavra!

Antônio — E é você quem fala nisso, cachorro? Rosa me contou tudo, já sabemos quanto vale sua palavra. A minha, eu mantive até o fim.

Joaquim — Você entrou aqui, para arrombar a janela!

IDVÁCIO — Não! Quem entrou em sua terra e arrombou a janela fui eu, Joaquim Maranhão! Ainda se lembra de mim? Sou o pai do menino que você matou hoje. Voltei para me vingar e causei sua perdição. Era com isso que você não contava, tudo o mais estava pensado e garantido por você. Você, filho do diabo, sabia que os outros não faltariam à palavra e resolveu tirar toda a sua vantagem disso, faltando à sua. Foi assim, com a força dos filhos do diabo, que você venceu sempre, você, o poderoso, o forte. Mas se esqueceu de mim, que você tinha esmagado com a bota, na poeira da estrada. Eu me levantei da poeira para trazer a você sua morte. Eu também era dos fracos, Joaquim Maranhão, e, apesar de não ser ninguém, sou um filho de Deus e não faltaria à minha palavra. Acontece porém que eu, o fraco, eu, o pobre, não tinha dado essa palavra. Entrei aí, desarmado, e arrombei a janela. Fui eu que acabei com você, porque sua filha contou tudo. E quando ela chamou você, fui eu ainda que peguei você por trás e tomei seu rifle. Porque nós queremos que você morra como morreram meu filho e o dele: desarmado, sem poder fazer nada! Se quer rezar, reze, porque vai morrer!

Joaquim — Não, não quero rezar, não quero mais nada! Para quê? Vivi minha vida toda para essa filha. E, se é Rosa que leva Joaquim Maranhão à morte, que ele morra logo, porque não tem mais nada a fazer aqui. Está pronto?

ANTÔNIO — Estou.

Joaquim — Então vamos!

Sai, com Antônio e înácio no seu encalço. Dois tiros.

Rosa — Meu pai!

Ajoelha-se. Entram Antônio e înácio.

Aมาôมเด — Rosa, minha filha! O que tinha de se fazer, foi feito! O Sol nasce já. Rosa! Venha, minha filha!

Rosa — Para onde?

thocência — Venha morar em nossa casa, nos baixios! Estas, nós mandaremos derrubar, para não ficar essa lembrança pesando sobre nós!

Rosa — Não, vá a senhora, minha tia, e o senhor também. E levem a minha avó. Quanto a mim, quero ficar aqui. Aqui, nesta casa cheia de mortos, marcada de sangue pelas paredes, e onde vou esperar a morte, apesar de eu mesma já estar morta. Vivi aqui sozinha, a vida inteira. Agora estou só de novo, mas cheia de mortos ao meu redor. Minha mãe, meu pai e meu marido, que morreram, os dois, por minha causa.

Donana — Minha filha, estou com medo!

Rosa — Não, não tenha medo. Eu, nem o direito de morrer, tenho! Senão teria ido já fazer companhia a Francisco. Mas tenho que esperar pelo filho dele, filho que talvez nem exista, mas a quem devo o sacrifício de continuar vivendo. Mas não quero mais nada com o mundo!

Donana — Rosa!

Rosa — Com o mundo, nem com ninguém. Sou uma morta, solta na terra à espera da morte. Aqui hei de ficar. Adeus.

Απτôπιο — Então, adeus, Rosa!

Rosa — Adeus.

înocência — Adeus, minha filha!

Rosa — Adeus. Cuide de minha avó.

Donana — Rosa...

Rosa — Adeus, não quero mais ver ninguém!

Donana — Adeus, minha filha. Deus abençoe você!

Rosa — Há de abençoar, minha mãe, para que eu possa suportar estes meses de espera com a coragem de não morrer. Adeus. (Entram todos em casa de Antônio, menos Rosa, Caetano e Manuel.) Já cobriram Francisco inteiramente?

CAETANO — Não.

Rosa — Ele pediu para ficar aqui, não foi?

MANUEL — Foi!

Rosa — Francisco! E você também, meu pai! Fui eu que matei todos dois. A um hei de me juntar, vingando, ao mesmo tempo, a morte do outro! Francisco! Ele me deu este punhal, foi a aliança de casamento que conheci. Um amor que começou desse jeito, como podia terminar senão assim? Então, com o punhal com que começou meu casamento, deve ele terminar. Francisco, já vou!

Apunhala-se.

Caetano — Moça!

Rosa — Peçam a Nossa Senhora para que minha morte seja perdoada!

Majuuel — Acabou-se, morreu! Você sabia que ela estava com a faca!

CAETANO — Não!

 $\underline{\mathcal{E}}$ ntram todos, de volta.

Antônio — Que foi?

Thanuel — A moça se matou com o punhal de Francisco!

Donana — Rosa, minha filha!

Antônio — Ela nos enganou, para ficar só. Deus a tenha em sua guarda! Ela deve ficar aqui, fazendo companhia a Francisco. Ah, meu Deus, tudo isso por um pedaço de terra, e agora, de que nos servirá ela? Vocês, cuidem do enterro. Donana fica comigo. Agora somos três mortos, cercados de mortos, como disse Rosa, todos à espera da morte, que já tarda a chegar.

Entram em casa, amparando Donana.

Caetano — Vamos terminar o que se tem a fazer. As mortes foram feitas, a terra está cavada. Vamos enterrar os que estão mortos.

Manuel — Eu não sabia o que vinha, mas estava esperando que acontecesse alguma coisa assim, desde que Cícero falou na história daquele touro, morto, com o sangue na estrada. Que coisa esquisita! Será que o mundo é assim mesmo? Foi para isso que nós nascemos?

Caetano — Agora, quem diz sou eu, companheiro: é melhor deixar essas coisas de mão. Cave e cante, é melhor. O dia já vem nascendo.

M.A.MUEL.

Do céu me caiu um cravo, na copa do meu chapéu! Terá sido Minervina que vai subindo pro céu?

Caetano — Não, cante outra coisa. Isso aí, parece até que é com esses dois que a gente está cantando.

MANUEL — Então vamos cantar o verso de nós dois:

Sou Manuel do Rio Seco, nascido em Taperoá. Tanto canto como planto, rezo, bebo e sei brigar. Faça a morte que eu celebro, cavo e enterro a quem pagar.

CAETANO

Nascido em Taperoá é meu compadre Manuel. Os defuntos que ele enterra vão direto para o céu. Já enterrou mais de cem velhas, moças de capela e véu.

MADUEL — Moças de capela e véu... Está vendo? Não adianta, qualquer coisa que se cante, hoje, lembra a morte dos dois! É melhor ficar calado. E está pronto: a terra cobriu quem está morto. Terão eles se encontrado, afinal? Que é que você acha? Será que o pedido dela a Nossa Senhora foi atendido e seus pecados foram perdoados?

Caetano — Nós logo saberemos, companheiro. Vamos embora; o dia nasceu.

<u>J</u>unto ao corpo de <u>Rosa</u>, aparece a figura de Nossa Senhora, com os braços abertos como se estivesse a envolvê-la com sua infinita piedade.

CICERO — E viu-se um grande sinal no Céu, uma Mulher Vestida de Sol, que tinha a Lua debaixo dos seus pés, e uma Coroa de doze Estrelas sobre a sua cabeça; e, estando prenhada, clamava com dores de parto, e sofria tormentos por parir.

PANO.

Recife, 12 de fevereiro a 23 de julho de 1947.

Reescrita de janeiro a março de 1958.

